RODRIGO GIMENEZ PISSUTTI MODOLO

FATORES ASSOCIADOS À ISQUEMIA MIOCÁRDICA NA HIPERTENSÃO ARTERIAL RESISTENTE

PREDICTORS OF MYOCARDIAL ISCHEMIA IN RESISTANT HYPERTENSION

CAMPINAS

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Ciências Médicas

RODRIGO GIMENEZ PISSUTTI MODOLO

FATORES ASSOCIADOS À ISQUEMIA MIOCÁRDICA NA HIPERTENSÃO ARTERIAL RESISTENTE

Orientador: Prof. Dr. Heitor Moreno Junior

PREDICTORS OF MYOCARDIAL ISCHEMIA IN RESISTANT HYPERTENSION

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção de título de Doutor em Farmacologia.

Thesis submitted to the Postgraduate Program in Pharmacology of the Medical Sciences Faculty of the University of Campinas to obtain the PhD title in Pharmacology.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO RODRIGO GIMENEZ PISSUTTI MODOLO E ORIENTADO PELO PROF. DR. HEITOR MORENO JUNIOR.

Assinatura do Orientador

CAMPINAS

2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas
Maristella Soares dos Santos - CRB 8/8402

M721f

Modolo, Rodrigo Gimenez Pissutti, 1980-
Fatores associados à isquemia miocárdica na hipertensão arterial resistente / Rodrigo Gimenez Pissutti Modolo. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Heitor Moreno Júnior.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Isquemia miocárdica. 2. Hipertensão. 3. Doença das coronárias. I. Moreno Júnior, Heitor,1958-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Predictors of myocardial ischemia in resistant hypertension
Palavras-chave em inglês:
Myocardial ischemia
Hypertension
Coronary disease
Área de concentração: Farmacologia
Titulação: Doutor em Farmacologia
Banca examinadora:
Heitor Moreno Júnior [Orientador]
Otávio Rizzi Coelho
Luiz Antônio Kannebley Bittencourt
Gabriel Forato Anhê
Celso Amodeo
Data de defesa: 06-06-2014
Programa de Pós-Graduação: Farmacologia

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO

RODRIGO GIMENEZ PISSUTTI MODOLO

Orientador (a) PROF(A). DR(A). HEITOR MORENO JÚNIOR

MEMBROS:

1. **PROF(A). DR(A). HEITOR MORENO JÚNIOR** _____
2. **PROF(A). DR(A). OTÁVIO RIZZI COELHO** _____
3. **PROF(A). DR(A). LUIZ ANTONIO KANNEBLEY BITTENCOURT** _____
4. **PROF(A).DR(A). GABRIEL FORATO ANHÊ** _____
5. **PROF(A).DR(A). CELSO AMODEO** _____

Programa de Pós-Graduação em Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas

Data: 06 de junho de 2014

Dedico

*Aos **meus pais**,*

meus mais completos orientadores.

*A **Deus** por tudo.*

*Ao meu orientador, **Prof. Dr. Heitor Moreno Jr**, por me oferecer esta oportunidade e confiar em meu trabalho, me proporcionando titulação única.*

*Ao meu irmão **Maurício**, melhor amigo e grande incentivador. Que venha também para a vida acadêmica.*

*À minha namorada **Ana Paula**, pelos incomparáveis carinho, cumplicidade e incentivo.*

*Às amigas do laboratório, que estiveram comigo nesta caminhada, **Andréa Sabbatini, Valéria Figueiredo, Natália Barbaro, Vanessa Fontana**.*

*Aos amigos de laboratório e cardiologia, **Rodrigo Santos e Thiago Quinaglia,** responsáveis pela minha entrada neste laboratório.*

*Aos ilustres membros de minha banca arguidora, Drs. **Otávio Rizzi Coelho, Luiz Antonio K. Bittencourt, Celso Amodeo e Gabriel Forato Anhê**, pelas importantes melhorias nesta.*

*Aos grandes **Adilson Thomaz e Joaquim do Prado**, que muito se dedicaram a todos no laboratório.*

A todos os amigos do Laboratório de Farmacologia Cardiovascular, obrigado pelo apoio e amizade.

Aos pacientes e voluntários que participaram deste projeto, muito obrigado.

*À **FAPESP** e **CNPq** pelo auxílio e apoio científico.*

"Talvez não tenha conseguido fazer o melhor,

mas lutei para que o melhor fosse feito.

Não sou o que deveria ser, mas

Graças a Deus, não sou o que era antes."

(Marthin Luther King)

INTRODUÇÃO: A hipertensão arterial é o mais prevalente e significante fator de risco modificável para doença arterial coronariana (DAC). Uma parte destes pacientes com hipertensão descontrolada é classificada como sendo portadora da Hipertensão Arterial Resistente (HAR). A incidência da isquemia miocárdica e da DAC aumenta juntamente com a ascensão dos níveis pressóricos. No entanto, a prevalência de isquemia miocárdica em pacientes com HAR é desconhecida, bem como os fatores associados à primeira.

MÉTODOS: Analisamos 129 pacientes com HAR verdadeira, seguidos regularmente em nosso ambulatório especializado. Foi realizada cintilografia de perfusão miocárdica em repouso e após stress farmacológico por dipiridamol nestes indivíduos. Os pacientes eram então divididos em dois grupos: com (I-HAR, n=36) e sem (SI-HAR, n=93) isquemia miocárdica. Ecocardiograma, MAPA-24h (para inclusive análise de efeito do jaleco branco), e vasodilatação mediada por fluxo (VMF) também foram realizados.

RESULTADOS: Trinta e seis pacientes (28%) tinham isquemia miocárdica e 49% apresentavam o efeito do jaleco branco (EJB). O EJB esteve associado com alta prevalência de isquemia miocárdica (49,2% vs. 7,6%, p<0,001). Não houve diferença entre os grupos no que concerne à idade, sexo, parâmetros bioquímicos, pressão arterial de consultório e na MAPA. Pacientes no grupo I-HAR eram mais diabéticos (31 vs. 11%, p<0,05) e obesos (75 vs. 40%, p<0,001). Ajustando-se para idade e IMC, a regressão logística múltipla mostrou que diabetes (OR 6,5; 95%CI: 1,06-40,1, p=0,04), VMF (OR 0,18; 95%CI: 0,07-0,41, p<0,001), frequência cardíaca (OR 1,23; 95%CI: 1,11-1,36, p<0,001), índice de massa ventricular esquerda (OR 1,02; 95%CI: 1,01-1,04, p=0,04), e microalbuminúria (OR 1,02; 95%CI: 1,01-1,04, p=0,002) foram considerados preditores independentes de isquemia. Em outro modelo de regressão logística, ajustando-se para as mesmas variáveis, ainda tendo

isquemia miocárdica como variável dependente, o EJB também foi considerado preditor independente de isquemia (OR=14,7, CI95% 4,8-44,8; p<0,001).

CONCLUSÃO: Há uma alta prevalência de isquemia miocárdica em pacientes com HAR. Microalbuminúria, frequência cardíaca, disfunção endotelial, massa ventricular esquerda e a presença do efeito do jaleco branco podem ser úteis para guiar a investigação de isquemia miocárdica em pacientes assintomáticos para DAC, neste grupo de pacientes de alto risco – HAR.

Palavras-chave: Hipertensão arterial resistente, lesão de órgãos-alvo, isquemia miocárdica, doença arterial coronariana, efeito do jaleco branco.

BACKGROUND: Hypertension is the most prevalent and significant modifiable risk factor for coronary heart disease. A portion of patients with uncontrolled hypertension is considered to have resistant hypertension (RHTN). Myocardial ischemia incidence increases along with blood pressure (BP) levels. However, the prevalence of myocardial ischemia in patients with RHTN is unknown, as well as the factors associated with it.

METHODS: We enrolled 129 patients with true RHTN regularly followed in our specialty hypertension clinic and evaluated then by resting and dipyridamole pharmacological stress myocardial perfusion scintigraphy. Patients were then divided in two groups: with (I-RHTN, n=36) and without (NI-RHTN, n=93) myocardial ischemia. Echocardiography, 24h-ABPM (for analysis of white-coat effect -WCE) and flow-mediated dilation (FMD) were also evaluated.

RESULTS: Thirty-six (28%) patients had myocardial ischemia and 49% presented the WCE. WCE was associated with higher prevalence of myocardial ischemia (49.2% vs. 7.6%, $p<0.001$) There was no difference between groups regarding age, gender, biochemical parameters, office and 24h-ABPM levels. Patients in the I-RHTN group were more likely diabetic (31 vs. 11%, $p<0.05$) and obese (75 vs. 40%, $p<0.001$). Adjusting for age and BMI, multiple logistic regression showed that diabetes (OR 6.5; 95%CI: 1.06-40.1, $p=0.04$), FMD (OR 0.18; 95%CI: 0.07-0.41, $p<0.001$), heart rate (OR 1.23; 95%CI: 1.11-1.36, $p<0.001$), left ventricular mass index (OR 1.02; 95%CI: 1.01-1.04, $p=0.04$), and microalbuminuria (OR 1.02; 95%CI: 1.01-1.04, $p=0.002$) were independent predictors of ischemia. On another model of logistic regression, using the same adjustments and myocardial ischemia as dependent variable, the WCE wasconsidered an independent predictor of ischemia as well (OR=14.7, CI95% 4.8-44.8; $p<0.001$).

CONCLUSIONS: In conclusion, there is a high prevalence of myocardial ischemia in patients with RHTN. Increased microalbuminuria, heart rate, endothelial dysfunction, LV mass and the presence of the white-coat phenomenon can be useful to guide the investigation for myocardial ischemia in these high risk patients.

Keywords: Resistant hypertension, target organ damage, myocardial ischemia, coronary artery disease, white-coat effect.

AHA	American Heart Association
AOS	Apneia obstrutiva do sono
DAC	Doença arterial coronariana
DE	Disfunção endotelial
DM	Diabetes *mellitus*
ECA	Enzima conversora da angiotensina
EJB	Efeito do Jaleco Branco
ESC	European Society of Hypertension
ESC	European Society of Cardiology
HAS	Hipertensão arterial sistêmica
HAR	Hipertensão arterial resistente
HARC	Hipertensão arterial resistente controlada
HARNC	Hipertensão arterial resistente não controlada
HVE	Hipertrofia ventricular esquerda
IMC	Índice de massa corpórea
IMVE	Índice de massa ventricular esquerda
JNC VII	Seventh Report of the Joint National Committee
LOA	Lesões de órgãos-alvo
MA	Microalbuminúria
MAPA	Monitoração ambulatorial da pressão arterial
MRPA	Monitoração residencial da pressão arterial

NO	Óxido nítrico
PA	Pressão arterial
PAD	Pressão Arterial Diastólica
PAS	Pressão Arterial Sistólica
SNS	Sistema nervoso simpático
SRAA	Sistema renina angiotensina aldosterona
VMF	Vasodilatação mediada por fluxo

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações Gerais

Estima-se que em 2025, mais de 1,5 bilhão de pessoas no mundo terão hipertensão arterial sistêmica (HAS). Esta condição será responsável por até 50% do risco de doença cardíaca e 75% do risco de acidentes vasculares cerebrais (1). Há várias décadas, é bem conhecido que a redução da pressão arterial (PA) com modificação do estilo de vida, medicamentos, ou ambos, podem reduzir substancialmente o subsequente risco do paciente hipertenso (2). Para cada redução de 10 mm Hg na PA sistólica (PAS), o risco de mortalidade por doença cardíaca e por acidente vascular cerebral diminui em 30% e 40%, respectivamente (3).

A HAS é o maior fator de risco modificável para doença arterial coronariana (DAC), sendo fortemente associada à esta afecção. Uma variação de apenas 10 mmHg na PA de um indivíduo chega a reduzir a incidência de coronariopatia em 37% (4). Apesar dos claros benefícios, em análise transversal dos dados da maior coorte cardiovascular (Framingham Heart Study), apenas 48% dos pacientes hipertensos e menos de 40% dos idosos conseguem controle da PA (5, 6). Existem muitas causas para o controle ineficaz da PA além de estilo de vida inapropriado, não adesão à medicação (7, 8) e falha em intensificar a terapêutica pelo médico assistente (inércia clínica) (9, 10). Estudos aleatorizados comparativos demonstram que, para reduções semelhantes da PA, há redução semelhante na incidência de morbidade e mortalidade cardiovascular mesmo com classes diferentes de anti-hipertensivos (11). Dentro deste grupo de pacientes com dificuldade de controle da PA com aumento do número de drogas anti-hipertensivas prescritas estão os hipertensos resistentes.

A hipertensão arterial resistente (HAR), estudada há décadas, apesar de já ter diversas alterações fisiopatológicas conhecidas, ainda mantém sua definição extremamente simples e baseada apenas em níveis pressóricos e uso de medicamentos anti-hipertensivos. A HAR persiste como uma condição sem definição universalmente aceita, sendo ainda a real prevalência também muito variável (12). Paciente com HAR é definido como aquele hipertenso que apresenta PA descontrolada à despeito do uso de 3 diferentes classes de anti-hipertensivos em doses ótimas, sendo uma das classes idealmente um diurético; ou os indivíduos que necessitam 4 classes para obter o controle pressórico (13). Este controle é obtido trazendo os valores pressóricos aos níveis pré-definidos em Diretrizes de Hipertensão Arterial (<140x90 mmHg para a população em geral e <130x80 mmHg para os portadores de diabetes mellitus ou doença renal crônica) (2).

Hipertensos resistentes apresentam mais lesões de órgãos-alvo (LOA) e seus marcadores, como disfunção endotelial, microalbuminúria (MA) e hipertrofia ventricular esquerda (HVE) (14-16). Lesões de órgão-algo acarretam maior incidência de eventos cardiovasculares, como infarto agudo do miocárdio (17) que podem ser devido à: (i) envelhecimento e diabetes (14) e (ii) mais placas ateroscleróticas (18).

Assim, os médicos clínicos precisam estar atentos para a presença de isquemia miocárdica silenciosa (sem sintomas cardiovasculares) para o diagnóstico precoce desta patologia a fim de evitar evolução desfavorável de coronariopatia sem tratamento adequado. A cintilografia de perfusão miocárdica com (99m)tc-sestamibi faz o diagnóstico preciso de isquemia miocárdica e coronariopatia em pacientes assintomáticos com hipertensão arterial (19, 20). No entanto, uma vez que estes pacientes são assintomáticos, a avaliação de fatores preditores de isquemia miocárdica neste subgrupo de hipertensos pode

ajudar a evitar gastos extras guiando melhor a avaliação de isquemia e tratamento adequado.

1.2 Hipertensão Arterial Resistente

No Brasil, a HAS apresenta prevalências entre 22,3% e 43,9% (21, 22). Embora existam diversos medicamentos anti-hipertensivos disponíveis, estudos revelam apenas 19,6% de controle adequado da PA nos pacientes hipertensos (22, 23). A falta de cumprimento das metas terapêuticas deve-se, em parte, à má aderência ao tratamento anti-hipertensivo (24), seja ele composto somente por mudanças no estilo de vida, principalmente com a redução de ingesta de sal e álcool, perda de peso e realização de atividade física regular ou acrescido à terapêutica medicamentosa, tratamento prescrito inadequado, medidas incorretas de PA e outras causas de pseudo-hipertensão. Entretanto, existe um grupo de pacientes o qual, apesar da adequada realização das orientações e administração de medicamentos, os níveis pressóricos mantém-se elevados, sendo chamados de hipertensos resistentes.

1.2.1 Definição

A HAR persiste como uma condição sem definição universalmente aceita. Segundo o *Seventh Report of the Joint National Committee (JNC VII)* (2) e a *European Society of Hypertension / European Society of Cardiology (ESH/ESC)* (25), HAR é definida quando a PA mantém-se em níveis acima das metas recomendadas com o uso de, no mínimo, três fármacos anti-hipertensivos com ações sinérgicas em doses máximas ou toleradas, sendo um deles idealmente um diurético. Entretanto, a *American Heart Association* (AHA), em

seu *"Scientific Statement"* especificamente sobre HAR, incluiu pacientes em uso de quatro ou mais fármacos anti-hipertensivos, em dosagens otimizadas, com controle adequado de PA também como hipertensos resistentes (13). Dessa maneira estes dois grupos hoje são considerados conjuntamente como hipertensos resistentes.

Existe contudo, controvérsia se todos estes pacientes deveriam ser colocados em conjunto, sendo uma nova terminologia proposta, na qual deveriam ser separados em dois subgrupos: resistentes e refratários (26-28). Esta nova classificação ainda está em discussão, não sendo totalmente aceita (29), existindo contudo, dados novos consistentes de que estes grupos seriam distintos e deveriam ser separados (30).

No entanto, a simples divisão em pacientes controlados e não controlados já é consagrada e torna os grupos reconhecidamente diferentes. Uma análise epidemiológica de 90 pacientes com diagnóstico de HAR segundo a AHA, divididos em dois grupos de acordo com os níveis pressóricos, os controlados (com, no mínimo 4 fármacos) e os não controlados mostrou que no grupo de não controlados, níveis pressóricos (tanto PAS quanto PAD), pressão de pulso, índice de massa corporal, atividade de renina plasmática, concentração de aldosterona plasmática e relação aldosterona/renina são significativamente maiores, quando comparados ao grupo controlado (31). Além disso, o grupo não controlado apresentou maior espessura íntima-média, velocidade de onda de pulso, HVE (15, 31), disfunção endotelial e menor queda noturna dos níveis pressóricos que os controlados (32). É digno de nota que 20% dos pacientes controlados foram excluídos porque apresentavam uso de fármacos em doses não otimizadas, mantendo-se apenas os verdadeiramente resistentes controlados (31). Com isso, demonstrou-se que existem diferenças importantes

entre os indivíduos controlados e não controlados, o que justifica a elevada morbimortalidade deste último grupo.

1.2.2 Pseudorresistência

É de extrema importância para avaliação diagnóstica, definir a presença de pseudorresistência entre os indivíduos hipertensos resistentes. Essa entidade é descrita como o aparente não controle pressórico, que na verdade, é devido a medidas inadequadas da PA, escolha terapêutica, tanto de fármacos quanto de dosagens inapropriados, falta de aderência ao tratamento e efeito jaleco branco (33). Conforme comprovação prévia, uma intensiva monitorização de aderência ao tratamento, possibilita a identificação dos pacientes hipertensos "verdadeiramente" resistentes (34).

1.2.3 Prevalência

A prevalência desta patologia ainda é incerta e varia conforme a especialização do centro e o tipo de análise epidemiológica. Estudos iniciais sobre hipertensão arterial, entre as décadas de 70 e 80, estimaram prevalências oscilando entre 3% e 13% do total de pacientes hipertensos usando até terapia quádrupla (12, 35, 36). Mais recentemente, demonstrou-se incidência de 1,9% de HAR em pacientes em seguimento por 18 meses (37). Relatos que descrevem uma prevalência maior que essas, normalmente não excluem pacientes com avaliação de pressão ambulatorial normal ou não submetem os pacientes a uma avaliação sistematizada para o diagnóstico de HAR, envolvendo exclusão de causas secundárias ou removíveis e pseudorresistência (38, 39). Em relação à prevalência, o estudo de Framingham mostrou 52% de pacientes sem controle adequado de PA (6). Entretanto,

estes altos índices estão acrescidos de má aderência e tratamento inadequado. O estudo ALLHAT (*Design The Antihypertensive and Lipid-Lowering Treatment to Prevent Heart Attack Trial*), no qual havia diversidade étnica importante e o tratamento dos pacientes era mais adequado e controlado, após 5 anos de seguimento, aproximadamente 50% dos indivíduos necessitavam de 3 ou mais classes de fármacos para o tratamento (40). Contudo, este valor pode estar superestimado, devido aos regimes terapêuticos restritos permitidos neste estudo, além das principais associações terapêuticas utilizadas, como diuréticos tiazídicos, inibidores da ECA e bloqueadores de canais de cálcio, não serem encorajadas (41). Uma análise dos pacientes do *National Health and Nutrition Examination Survey*, entre 2003 e 2008, classificou em hipertensos resistentes 12,8% dos indivíduos tratados HAS (42). Talvez, o estudo mais criterioso para tal fim seja o da Universidade do Alabama (Birmingham) (43), onde os pacientes eram encaminhados com hipertensão de difícil controle e acompanhados por pelo menos 6 meses antes de considerados verdadeiros hipertensos resistentes. Destes, 9,5% permaneceram refratários ao tratamento (43). Outros estudos corroboram estes dados, mostrando uma prevalência aceita entre 5 e 15% (44), demonstrando inclusive, um aumento na prevalência ao longo das duas últimas décadas, de 5,5% para 8,5% e, então, 11,8% entre 2005 e 2008 (43, 45, 46).

1.2.4 Fisiopatologia

A HAR apresenta uma fisiopatologia multifatorial, que evidencia pior prognóstico quando comparada a HAS, sendo que os mecanismos de resistência ao tratamento não são totalmente conhecidos. O fato da definição de HAR basear-se estritamente em níveis pressóricos e número de drogas dificulta ainda mais o estabelecimento de mecanismos

fisiopatológicos para a doença. Dados demográficos do estudo de Framingham mostram que a falência de controle pressórico está associada a valores extremamente elevados de PA já na avaliação inicial (6). Obesidade também é preditor de insucesso no controle da PA, porém os mecanismos são complexos e não totalmente elucidados, mas incluem excreção deficiente de sódio, aumento da atividade simpática e ativação do SRAA (31, 47, 48). Adicionalmente, diabetes *mellitus* também dificulta a redução dos níveis pressóricos sanguíneos (31, 41, 49).

Algumas características são comuns à maioria dos pacientes: hiperativação do sistema nervoso simpático e sistema renina-angiotensina-aldosterona (SRAA) (50-52), excesso de aldosterona (53, 54), expansão volêmica (55), disfunção endotelial (15, 56) (57), e elevação da resistência vascular periférica (58). Recentemente, hipoxemia intermitente cíclica (59), resistência à insulina (60) e alterações na função de adipocinas (61) também têm sido associadas à fisiopatologia da doença (Figura 1).

A sobrecarga de volume parece justificar, em grande parte, a fisiopatologia da doença (55) (acompanhada por um balanço positivo de sódio corporal). Um dos principais fatores determinantes da PA – e da composição aquosa do corpo – é o equilíbrio entre ingestão hídrica oral, e perdas renal e extra-renal. Este balanço é regulado pelo SRAA, peptídeo natriurético atrial e os receptores atriais e renais de pressão (62). A patogenia desta característica é diversa: nefrosclerose hipertensiva e/ou disfunção renal estabelecida; uso de vasodilatadores diretos e simpatolíticos periféricos (que promovem reabsorção renal hídrica em resposta a uma vasodilatação sistêmica); diminuição da perfusão renal (e filtração glomerular) resultante do uso intensivo de anti-hipertensivos; sobrecarga de sódio na dieta; obesidade e síndrome metabólica; níveis elevados de aldosterona plasmática; e uso

inadequado de diuréticos (41, 58, 63).

Figura 1: Fisiopatologia da HAR relacionando os principais mecanismos envolvidos (Modificado de *Tsioufis, Kordalis et al.*)(64). Condições como apneia obstrutiva do sono (AOS), obesidade e excesso de aldosterona são fatores desencadeantes de inflamação, resistência insulínica e disfunção endotelial. Como consequência, há hiperativação do SNS e sistema renina angiotensina aldosterona (SRAA) que possuem a propriedade de hiperativação recíproca, podendo incorrer em HAR.

O fato da sobrecarga de volume ser um componente frequente incita o uso de diuréticos. Estudos de intervenção apresentam resultados favoráveis ao uso intensivo de diuréticos, apesar de alguma controvérsia. Alguns demonstram que a resposta pode não ser satisfatória (43) enquanto a maioria traz resultados promissores: por meio do bloqueio nefrológico sequencial (65) ou simplesmente pela intensificação do uso – embora sob o risco de piora da função renal (58). Os fatores contribuintes para a HAR são sumariamente

listados na Tabela 1.

1.2.4.1 Padrão Hemodinâmico da HAR

Alguns autores sugerem no entanto, que o aumento da resistência vascular periférica total e/ou do débito cardíaco, seriam mais importantes que a sobrecarga de volume. Essa conclusão é sugerida pelo fato de não haver supressão dos níveis de aldosterona ou de atividade de renina plasmática – resultados esperados na sobrecarga de volume – em hipertensos refratários, quando comparados a resistentes controlados. Além disso, estes pacientes refratários apresentariam frequência cardíaca persistentemente mais elevada que o último grupo; sugerindo uma maior influência do sistema nervoso simpático para a resistência ao tratamento (43).

Tabela 1: Fatores contribuintes para hipertensão arterial resistente

Fatores contribuintes
Expansão volêmica
Terapia diurética inadequada
Retenção hídrica causada por doença renal crônica
Ingestão excessiva de sódio
Obesidade/resistência insulínica
Substâncias exógenas
Anti-inflamatórios não-esteroidais
Contraceptivos orais
Álcool
Corticosteroides
Esteroides anabólicos
Agentes simpatomiméticos
Cafeína

	Ciclosporina
	Eritropoetina
	Agentes quimioterápicos
	Antidepressivos

Adaptado do Seventh Report of the Joint National Committee on Prevention, Detection, Evaluation and Treatment of High Blood Pressure (2).

Ademais o aumento da resistência vascular periférica total tende a ser acentuado e persistente na evolução da doença hipertensiva (66). Geralmente atribuído a um aumento no tônus vascular (67), o mecanismo é comum aos hipertensos em geral, nos quais após um aumento inicial do débito cardíaco, eleva-se a resistência vascular periférica total progressivamente, independentemente da classificação da hipertensão. Ocorre precocemente aos esforços e, com a progressão da doença, passa a ocorrer ao repouso; efeito este demonstrado em longas coortes de até vinte anos de seguimento (68). A grande influência do estímulo simpático tem servido de base racional para os recentes e crescentes estudos intervencionistas de denervação renal para o tratamento da HAR, com resultados promissores (69, 70).

1.2.5 Lesões de órgãos-alvo

As lesões de órgãos-alvo apresentam alta correlação com a HAR e são divididas em vasculares, cerebrais, cardíacas e renais. As alterações vasculares podem estar presentes já nos estágios iniciais da doença, se associando a maior grau de disfunção endotelial, avaliada por vasodilatação dependente de endotélio e aumento de biomarcadores inflamatórios. Isto leva ao aumento da rigidez vascular, avaliado pela velocidade de onda

de pulso (15, 31, 71). O sistema nervoso central também pode estar acometido precocemente e é o órgão que mais se beneficia de redução dos níveis pressóricos. Estenoses de carótidas, aterosclerose intracraniana e arco aórtico e lesões cardíacas estão entre os responsáveis por fenômenos tromboembólicos isquêmicos. A hipertensão não controlada pode, com o passar do tempo, levar a formação de pequenos aneurismas cerebrais que, ao romper, causam hemorragias cerebrais ou subaracnóideas (72).

A HVE é a principal lesão cardíaca e, apesar de relatos de prevalência de 16% nos pacientes hipertensos resistentes acometidos (49), no Brasil encontramos relatos de 83,3%, diagnosticada pelo ecocardiograma (48). Nestes pacientes, a presença de alterações eletrocardiográficas com padrão de *strain* (inversão de onda T e depressão do segmento ST nas derivações V_5 e V_6) correlacionam-se a pior prognóstico (73, 74). Esta alteração constitui-se fator de risco independente cardiovascular, aumentando em até 1,5 vezes a mortalidade (75, 76). A HVE se associa à aumento da circulação de mediadores inflamatórios e aldosterona e reduz a reserva coronariana, levando à aterosclerose mais acentuada, rigidez arterial, insuficiência cardíaca, arritmias e disfunção endotelial (15, 31, 48, 77). Quando analisamos alterações funcionais induzidas pela HVE, a disfunção diastólica do ventrículo esquerdo é a mais comum das morbidades, acarretando um risco aumentado de progressão para a insuficiência cardíaca (78). Seu diagnóstico é baseado em alterações eletrocardiográficas e aumento de massa ventricular esquerda indexada para a superfície corpórea ao ecocardiograma (79).

As alterações renais também ocorrem precocemente e são comuns, levando a um quadro de nefroesclerose caracterizada por arterioloesclerose e arterioesclerose, hialinose e lesões túbulo-intersticiais e glomeruloesclerose segmentar e focal. Nas formas de

hipertensão mais malignas, a hiperplasia miointimal e necrose fibrinóide são descritas como lesões principais.

1.2.6 Disfunção Endotelial

O endotélio pode ser considerado um órgão endócrino ativo que, em respostas a estímulos humorais, neurais e mecânicos, sintetiza e libera substâncias vasoativas que modulam tônus, calibre vascular e fluxo sanguíneo, desempenhando papel fundamental na regulação da circulação e na proliferação e migração das células do músculo liso vascular e adesão de leucócitos (80, 81).

Quando exposto aos fatores de risco, como HAS, o endotélio apresenta alterações funcionais, denominadas genericamente de disfunção endotelial (DE) (82) caracterizada por diminuição na biodisponibilidade de óxido nítrico (NO) secundário ao estresse oxidativo aumentado (83). A disfunção endotelial é uma condição patológica sistêmica (84) na qual existe um desequilíbrio entre substâncias vasodilatadoras, antimitogênicas e antitrombogênicas (fatores relaxantes derivados do endotélio (85)) e substâncias vasoconstritoras, pró-trombóticas e com propriedades proliferativas (fatores constrictores derivados do endotélio, como catecolaminas, angiotensina II e endotelina-1 (86)).

As células endoteliais estão disfuncionais em várias doenças cardiovasculares e na HAS. Usualmente, essa disfunção é expressa como ‘alteração do relaxamento dependente do endotélio’ causada, principalmente, por redução da liberação e/ou ação dos fatores dilatadores derivados do endotélio, podendo também ocorrer liberação de fatores constritores derivados do endotélio, contribuindo dessa forma, para DE. Portanto, a DE constitui um marcador precoce e é elemento-chave na patogênese das doenças

cardiovasculares (87). Grandes evidências indicam que pacientes hipertensos, inclusive com HAR, apresentam disfunção endotelial, tanto em distritos vasculares periféricos como em coronarianos (88). Em estudo foi relatado que a função endotelial está claramente reduzida nos hipertensos não controlados em relação aos sujeitos normotensos (57). Além disso, mais especificamente, foi demonstrado em estudo recente que, em relação aos subgrupos da HAR, pacientes resistentes não controlados (HARNC) apresentam piora da função endotelial quando comparados ao subgrupo resistente controlado (HARC) (89).

1.2.7 Diagnóstico

Segundo o 1º Posicionamento Brasileiro sobre a HAR, o diagnóstico exige inicialmente o afastamento da pseudorresistência como causa. Isto deve ser feito comprovando-se a aderência tanto da terapia farmacológica quanto não farmacológica e uso de fármacos na posologia otimizada, ou seja, a máxima permitida ou tolerada (41). Em seguida, excluindo-se a hipertensão do jaleco branco – com comprovação de elevados níveis pressóricos não só no consultório médico, mas também durante o restante do dia e/ou da noite – através de MAPA ou MRPA (90). Após a comprovação da hipertensão, deve-se pesquisar causas secundárias de HAR, cujas principais então listadas na tabela 2.

Tabela 2: Principais causas de hipertensão secundária.

Frequentes:
Apneia Obstrutiva do Sono
Doença Renal Parenquimatosa
Estenose de Artéria Renal
Hiperaldosteronismo Primário

Raras:
Feocromocitoma
Doença de Cushing
Hiperparatireoidismo
Coarctação de Aorta
Tumor Intracraniano

Adaptado de Calhoun et al (41).

1.2.8 Hipertensão Secundária

Apneia obstrutiva do sono é caracterizada por qualquer grau de obstrução das vias aéreas superiores, limitando ou impedindo o fluxo normal respiratório durante o sono (33), sendo causa frequente de hipertensão secundária associada HAR (91-93). Em estudo clínico com 125 pacientes avaliados quanto a motivos conhecidos de resistência, 64% apresentavam AOS (93). O diagnóstico deve ser realizado através de polissonografia.

A doença renal parenquimatosa é consequência de inadequado controle pressórico ao longo dos anos. Esta patologia está associada a retenção hídrica, ativação excessiva do SRAA e uso de anti-inflamatórios não esteroidais. Todos os pacientes com HAR devem ser avaliados quanto à função renal (94).

Estenose de artéria renal é uma patologia renovascular de etiologia predominantemente aterosclerótica (90%), cuja prevalência aumenta com a idade (94). O diagnóstico sempre deve ser pesquisado através de exames de imagem, como ultrassom de artérias renais, cintilografia ou tomografia computadorizada.

O hiperaldosteronismo primário foi primeiro descrito por Conn em 1955 (95). Na ocasião, uma paciente do sexo feminino apresentava-se com hipertensão resistente, hipocalemia e alcalose metabólica, devido à presença de um adenoma produtor de

aldosterona. Atualmente, essa síndrome inclui o aumento dos níveis de aldosterona, sem necessariamente apresentar adenomas, mas hiperplasia adrenal bilateral (33, 96). Estudos mostram incidência em torno de 8% a 13% de hiperaldosteronismo em pacientes hipertensos (97, 98). Quando avaliamos a prevalência entre os hipertensos resistentes esta relação se torna maior, com valores de 17% a 23% (99-102). Acredita-se que esta doença aumente o risco cardiovascular através da elevação dos mediadores inflamatórios levando a lesões cardíacas e vasculares (103, 104), exemplificadas por HVE (105), doença renal crônica (106), disfunção endotelial (107) e aumento da razão íntima-média (108). O diagnóstico não necessita da presença de hipocalemia. A razão da concentração de aldosterona/atividade plasmática de renina ≥20 sugerem o diagnóstico, que deve ser confirmado pelo aumento na excreção urinária de aldosterona em 24 horas. Outra maneira é confirmando-se a falta de supressão da secreção de aldosterona através de expansão volêmica (infusão de soro fisiológico ou dieta rica em sal) ou bloqueio do SRAA com inibidores da ECA (109). Com as positividades, faz-se necessário a realização de uma ressonância nuclear magnética de cortes finos para a pesquisa de tumores adrenais (94).

1.2.9 Resistência e Refratariedade

O termo Resistente foi inicialmente usado na literatura médica em 1960 por Vandyne et al. (110), praticamente no mesmo momento que seu termo coincidente – refratário – utilizado por Lee et al. (111) em 1958. Com relação à terminologia, o *Webster´s Dictionary* define resistente como algo "incapaz de ser afetado" e refratário como algo "que não responde ao tratamento" (112).

Desde o início estes termos foram usados sem distinção para classificar este tipo de hipertensão que não respondia bem ao tratamento, mantendo níveis pressóricos elevados a despeito do uso de múltiplas medicação anti-hipertensivas. Apesar do uso concomitante destes termos nos últimos 50 anos, na última década, autores têm proposto subdivisões dentro do grupo dos hipertensos resistentes, na tentativa de cunhar um novo subgrupo de hipertensos refratários. A tabela 3 mostra a evolução nestes últimos anos das definições propostas para este subgrupo.

Tabela 3: Evolução cronológica das definições propostas para Hipertensão Refratária.

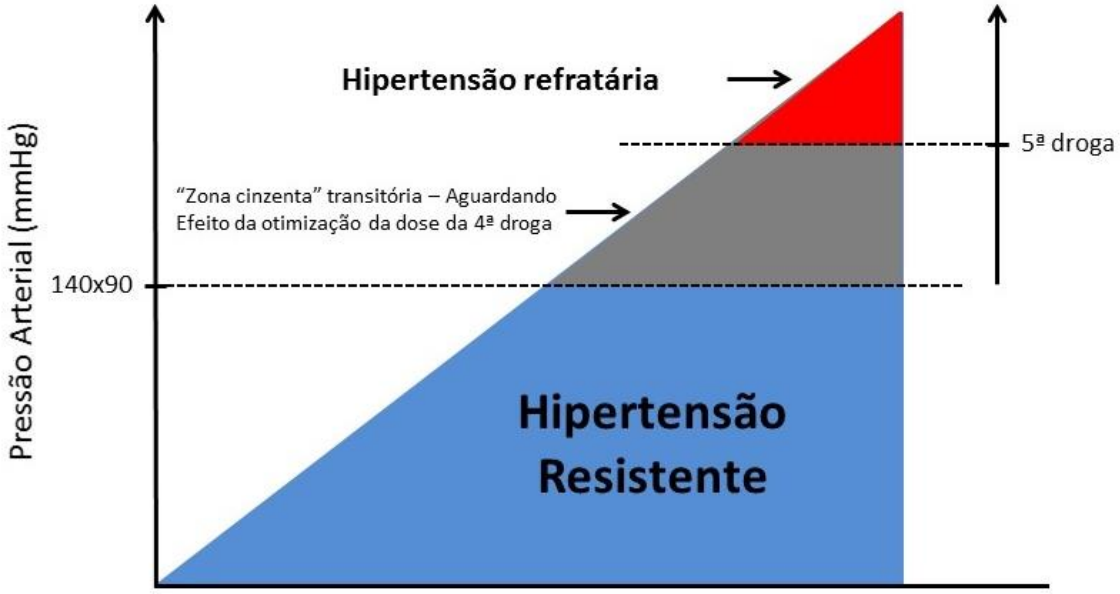
Autor	Ano	Definições
Martell(113)	2003	Refratário e Resistente usados ainda como sinônimos.
Ram(114)	2006	
Silverstein(115)	2008	
Sander(116)	2011	Refratário definido como Resistente descontrolado apesar do uso de 4 ou mais drogas anti-hipertensivas.
Acelajado(117)	2012	Refratário definido como Resistente descontrolado.
Moreno(118)	2012	
Calhoun(119)	2013	Refratário definido como Resistente que se mantém descontrolado com uso de 5 ou mais drogas.

Mais recentemente, pesquisadores classificaram este novo subgrupo de maior risco. As últimas definições foram propostas por:: (i) Acelajado et al. – Hipertensão refratária é aquela resistente onde não há controle pressórico após pelo menos 3 visitas em clínica

especializada (117), e (ii) Calhoun et al. – Hipertensão refratária é aquela resistente que se mantém acima da meta pressórica com uso de no mínimo 5 drogas anti-hipertensivas (119) (Figura 2).

Esta subdivisão evidencia diferenças importantes entres os grupos. Com relação às lesões de órgãos alvo, o grupo de hipertensos refratários apresenta maior massa ventricular esquerda (179±49 *vs.* 142±30 g/m^2, p<0,05) e rigidez arterial(VOP – 12,9±1,7 *vs.* 9,1±1,1 m/s, p<0,05) (14), além de maior prevalência de hipertrofia ventricular esquerda, microalbuminúria e disfunção renal quando comparados com resistentes (119). Apesar das diferenças clínicas, as variáveis antropométricas – IMC, idade e sexo – destes grupos são similares (120),(117). Com relação à raça, a negra apresenta maior prevalência nos refratários em comparação aos resistentes (119).

Figura 2. Representação gráfica da evolução do atendimento para caracterizar Hipertensão Refratária.



1.2.10 Prognóstico

Para uma melhor avaliação de prognóstico, estudos como coortes prospectivas se fazem necessários. Pelos critérios diagnósticos relativamente recentes e necessidade de protocolo restritivo para um adequado seguimento, além de amostras limitadas, não há ainda disponibilidade destes estudos. Presumivelmente ele é menos favorável, avaliando-se que o risco de complicações cardiovasculares se eleva linearmente com o incremento dos níveis pressóricos (121). Estes indivíduos também apresentam diversos fatores de risco cardiovasculares associados, como idade avançada, obesidade, diabetes e doença renal crônica (122), além de lesões de órgãos-alvo, como HVE e marcadores de risco como o aumento da espessura íntima-média(123). Em estudo prévio, demonstrou-se risco relativo de 1,47 em hipertensos resistentes (37). O grau de redução desses riscos com o tratamento da HAR também é desconhecido (41). Atualmente, o nosso grupo de pesquisa iniciou avaliação retrospectiva dos pacientes de nossa clínica especializada com o intuito de avaliar prognóstico e fatores associados aos desfechos clínicos.

1.2.11 Tratamento

1.2.11.1 Não Farmacológico

Como já é parte dos critérios diagnósticos, o tratamento com múltiplas medicações – ao contrário da HAS – já é regra na HAR. No entanto, como qualquer doença crônico-degenerativa do sistema cardiovascular, as atitudes de mudança de estilo de vida e medidas não farmacológicas são de extrema importância como terapia adjuvante (41).

Pacientes com HAR devem ser orientados quanto à importância da prática de exercícios físicos regulares, redução de sal na dieta, perda de peso e limitação do consumo de bebidas alcoólicas à pequenas doses (41, 121).

Apesar da dieta hipossódica reduzir os níveis pressóricos moderadamente, os pacientes com HAR são especialmente sensíveis ao sal. Em estudo prévio mostrou-se que um consumo diário de até 2,5g de sal por dia reduz em 23x9 mmHg a PA (63), mostrando a importância da redução desta ingesta, mesmo sendo uma meta de difícil alcance. Recomenda-se, pela Organização Mundial de Saúde, um consumo diário de 1,2g de sal por dia (121).

O consumo de álcool está intimamente ligado à elevação da PA. Homens que consomem mais de 4 doses de álcool por dia têm 50% mais chance de apresentar valores pressóricos fora das metas (6). A abstinência de álcool em grandes bebedores reduziram os níveis de PAS e PAD em 7,2 e 6,6 mmHg, respectivamente, além da prevalência de hipertensão entre os participantes ter reduzido de 42% para 12% (124). O consumo alcoólico deve ser ≤20g de etanol por dia ou abstinência total, se possível (121).

A redução de peso diminui a PA de forma significativa, devido à melhora da retenção hídrica, da AOS e melhora da estimulação do sistema nervoso simpático (41, 93, 125). Pacientes com IMC ≥30 apresentam chance 50% maior de apresentar PA não controlada em comparação a pessoas com IMC normal (6, 31). Com isso, a perda de peso deve sempre ser estimulada e buscada entre os indivíduos com HAR (44).

Existe um benefício claro entre atividade física e redução da PA (41, 126). A prática de exercícios físicos regulares, além de reduzir os níveis pressóricos, também melhora o

perfil metabólico, tanto com exercícios de resistência quanto aeróbicos (126). Assim, estes pacientes dever ser encorajados a realizar atividade física leve a moderada (121).

1.2.11.2 Farmacológico

A terapêutica na HAR não apresenta estratégia definida e/ou universalmente aceita. Mesmo para o tratamento das HAS – em que existe consenso de especialistas e diretrizes para orientação – a ordem das prescrições são diferentes entre os consensos diversos como o europeu, brasileiro e americano (25, 127, 128). Preconiza-se atingir a meta pressórica de PA de consultório ou MRPA de 130/80mmHg ou 125/75mmHg na MAPA (129).

O esquema anti-hipertensivo deve almejar o bloqueio de todos os possíveis mecanismos envolvidos na HAS. Logo, a associação de um diurético tiazídico com bloqueador do SRAA (inibidor da ECA, ou antagonista do receptor de angiotensina II) e um antagonista dos canais de cálcio dihidropiridínico é considerada a melhor combinação tripla, mais eficaz, sinérgica e muito bem tolerada (130).

Em relação ao uso de um quarto fármaco, não há consenso sobre sua escolha, tendo em vista que faltam estudos comparativos entre as classes demonstrando superioridade em potência anti-hipertensiva e proteção cardiovascular (44). Segundo o estudo ASCOT (*Anglo-Scandinavian Cardiac Outcomes Trial*), a adição de espironolactona, um bloqueador de receptores mineralocorticoides, ao esquema tríplice tradicional apresentou quedas de 21,9 mmHg de PAS e 9,5 mmHg da PAD após 1,3 ano de tratamento (131). Outro estudo realizado em 2009, com pacientes hipertensos resistentes controlados e não controlados também mostrou resultados semelhantes (48). Esta redução é independente da presença de hiperaldosteronismo primário e não relacionada aos níveis plasmáticos ou

urinários basais iniciais de aldosterona, atividade plasmática de renina ou relação aldosterona/renina (132, 133).

A escolha de fármacos que sejam adicionados ao esquema quádruplo deve ser individualizada (121) de acordo com a experiência de cada médico e de outras comorbidades que o paciente possa ter. Inibidores adrenérgicos, incluindo beta e alfa-bloqueadores e inibidores de ação central, vasodilatadores e inibidores de renina, também são muito importantes como opções terapêuticas aos pacientes com HAR (44). Entretanto, seu uso está mais condicionado a situações especiais, como a necessidade de redução de frequência cardíaca, em relação ao uso de betabloqueadores. Além disso, apresentam maior incidência de efeitos adversos (41, 121).

Recentemente, uma nova classe de fármaco foi testada no tratamento anti-hipertensivo: os inibidores de fosfodiesterase-5 (134, 135). No entanto, apesar de algum grau de sucesso ter sido demonstrado, estudos prospectivos a longo prazo são necessários para obter resultados mais conclusivos.

1.2.11.3 Outros Tratamentos

Existem ainda, novas modalidades terapêuticas que estão em desenvolvimento para ajudarem o tratamento farmacológico no controle pressórico dos pacientes resistentes.

A estimulação dos barorreceptores presentes no seio carotídeo estimula o sistema nervoso parassimpático, propiciando, além de bradicardia, aumento na excreção renal de sódio e água. A hipervolemia é um dos principais mecanismos envolvidos na resistência da hipertensão destes pacientes, sendo que o aumento da diurese é um alvo terapêutico importante a ser atingido. As tentativas de reduzir a hiperatividade do sistema nervoso simpático para reduzir os níveis pressóricos arteriais remontam ao início do século 20

(136). A estimulação tanto aguda quanto crônica do seio carotídeo para a redução da hipertensão arterial começou a mostrar resultados positivos nos anos 1960. No entanto, na ocasião, os aparelhos responsáveis pela estimulação eram grandes e com baterias de pouca duração (137). Nos dias de hoje, esta terapia está novamente em desenvolvimento, com técnicas novas de implantação, que reduzem seus efeitos colaterais, utilizando aparelhos mais modernos, menores e de duração maior. Estudos recentes têm demonstrado benefício da estimulação crônica como adjuvante ao tratamento da HAR, inclusive com redução do número de fármacos administrados diariamente (138, 139).

Outro tratamento que vem ganhando destaque é a denervação simpática renal. Os nervos simpáticos renais contribuem para o surgimento e manutenção da HAS, por meio de liberação de renina, retenção de sódio e aumento da volemia (140). Entre os anos 1920 e 1930, a simpatectomia radical era um dos tratamentos utilizados para reduzir a PA em hipertensos graves. Contudo, este procedimento apresentava altos índices de complicações (141). Recentemente, novas técnicas intervencionistas com bloqueio da ação simpática aferente e eferente por radiofrequência têm mostrado redução significativa na HAS, sem maiores complicações descritas (142). Os estudos SIMPLICITY HTN-1 (*Catheter-based renal sympathetic denervation for resistant hypertension*) e SIMPLICITY HTN-2 (*Renal sympathetic denervation in patients with treatment-resistant hypertension*) trouxeram grande promessa à comunidade científica com grande diminuição pressórica e da necessidade de medicamentos após o procedimento (69, 70). A grande crítica se devia ao fato dos estudos não serem controlados. Há dois meses, no entanto, tornou-se público o primeiro estudo controlado sobre denervação renal – SIMPLICITY HTN-3 (*A controlled trial of renal denervation for resistant hypertension)* – que ao comparar o procedimento

com o *sham procedure* (intervenção fictícia) de maneira cega, mostrou-se ineficaz em baixar a pressão arterial (143).

1.3 Hipertensão / Efeito do Jaleco Branco

Hipertensão do jaleco branco é um fator comum de pseudorresistência (144). O efeito do jaleco branco (EJB) ocorre, quando os valores de pressão arterial medidos pelo profissional de saúde no consultório são significativamente elevados comparados com os valores obtidos em outros locais como, por exemplo, por monitoração ambulatorial da pressão arterial (MAPA) ou monitoração residencial da pressão arterial (MRPA). Este fenômeno tem sido relatado em 20% a 40% dos pacientes com hipertensão não-tratada (145) e apresenta alta prevalência dentre os pacientes com HAR (20-52%) (146, 147). A ocorrência do EJB tem sido atribuída ao estresse mental, resposta hiperativa do paciente em presença de algum profissional de saúde (especialmente o médico), e hiperatividade simpática (148, 149).

A definição do EJB pode ser um pouco confusa. A diferença desta para a hipertensão do jaleco branco é que a última é um fenômeno onde pacientes não tratados apresentam PA elevada perante um profissional de saúde (consultório) enquanto a aferição ambulatorial como por MAPA mostra níveis pressóricos normais. Já no EJB a "queda" pressórica vista no período de vigília da MAPA pode ocorrer também em tratados e não necessariamente normaliza a PA (150).

Na hipertensão do jaleco branco, o risco cardiovascular não está aumentado, sendo menor quando comparado com pacientes com hipertensão mascarada ou mantida (151). A hipertensão do jaleco branco deve ser suspeitada em pacientes que permanecem resistentes

ao tratamento na ausência de lesões de órgão-alvo, que manifestam sintomas de supermedicação e/ou que relatam valores de pressão arterial domiciliares significativamente mais baixos que os valores medidos no consultório. Como essa entidade é relativamente comum, todos os pacientes com hipertensão devem ser encorajados a medir a sua pressão em casa ou fora do ambiente hospitalar em condições adequadas. Recomenda-se que todos os pacientes suspeitos de hipertensão resistente devam ser submetidos a MAPA (152). Infelizmente, em muitos países como o Brasil, os recursos em cuidados de saúde são limitados e a MAPA ou MRPA não estão disponíveis para todos os pacientes. Portanto, o médico frequentemente necessita decidir no consultório o início da investigação diagnóstica sem a utilização da MAPA (153).

1.4 Doença arterial coronariana e isquemia miocárdica

Isquemia miocárdica é definida como o desequilíbrio entre a oferta e o consumo de oxigênio pelo miocárdio. Está intimamente relacionada à doença arterial coronariana (DAC) obstrutiva, devido à limitação ao fluxo sanguíneo imposta por esta patologia. A DAC, em conjunto com outras doenças cardiovasculares, tem sido grande responsável por morbidade e mortalidade em diversas regiões do mundo (154, 155).

A isquemia silenciosa – onde a isquemia miocárdica ocorre na ausência de qualquer sintomatologia típica – é a apresentação mais frequente da coronariopatia crônica, descrita inicialmente em 1981 por Cohn *et al.* (156). A presença de infradesnivelamento do segmento ST sem *angina pectoris* durante o teste de esforço tem sido frequentemente descrito em pacientes com hipertensão arterial essencial, sem história pessoal de DAC, infarto do miocárdio ou sintomas (157). Essa presença de isquemia silenciosa relaciona-se a

maior risco de morte e eventos cardíacos (158-160), chegando a verificar-se mortalidade até três vezes maior (24% *vs*. 8%) em relação àqueles sem evidência de isquemia (161). Assim, torna-se de fundamental importância sua detecção precoce, de maneira a atuar sobre os fatores de risco passíveis de modificação e/ou tratamento, evitando a progressão da doença, mesmo antes de suas complicações e manifestações clínicas.

No entanto, ainda permanece obscuro quais fatores estão associados e/ou são responsáveis pela ocorrência da isquemia silenciosa, havendo influência das estenoses das artérias coronárias, disfunções do endotélio e dos fatores de consumo de oxigênio, principalmente nos pacientes em uso de medicações anti-hipertensivas (162-164).

A cintilografia de perfusão miocárdica com (99m)tc-sestamibi destaca-se entre os diversos métodos capazes de determinar a repercussão funcional das lesões obstrutivas das artérias coronárias. O método possui grande acurácia para detectar isquemia miocárdica, além de ser uma importante ferramenta para prever o risco de eventos coronarianos futuros, possibilitando melhor estratificação dos pacientes e orientação de uma melhor conduta terapêutica (165, 166).

A cintilografia de perfusão miocárdica com (99m)tc-sestamibi faz o diagnóstico preciso de isquemia miocárdica e coronariopatia em pacientes assintomáticos com hipertensão arterial (19, 20). No entanto, uma vez que estes pacientes são assintomáticos, a avaliação de fatores preditores de isquemia miocárdica no grupo de hipertensos resistentes pode ajudar a evitar gastos extras guiando uma melhor avaliação de isquemia.

2 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A isquemia miocárdica é grande responsável por morbidade e mortalidade cardiovasculares, especialmente em pacientes com fatores de risco – dentre eles a hipertensão. No entanto, até o presente momento, pouco se sabe em relação à prevalência desta alteração especificamente no grupo de pacientes hipertensos resistentes – um nicho *per se* com pior prognóstico e mais acometido por lesões de órgãos alvo e marcadores de lesão cardiovascular.

Além disso, também são desconhecidos os fatores que estão associados à esta alteração nos pacientes com HAR.

Como os pacientes que apresentam isquemia silenciosa não apresentam sintomatologia – ou seja, não indicam ao seu clínico atendente a necessidade de investigação específica para o quadro de isquemia – é prudente que um grupo de alterações identificáveis ao exame clínico e propedêutico seja identificado a fim de guiar uma melhor e mais direcionada investigação desta patologia, para melhorar morbidade e mortalidade cardiovasculares neste grupo de pacientes.

3 OBJETIVOS

1- Objetivamos com este estudo avaliar a presença de isquemia miocárdica silenciosa em uma população de hipertensos resistentes, comparando variáveis clínicas, laboratoriais e lesões de órgãos-alvo de pacientes com e sem isquemia miocárdica.

2- Com estas variáveis que diferem entre os grupos, visamos encontrar os fatores que podem ser classificados preditores de isquemia neste subgrupo de pacientes.

4 CAPÍTULO I

Em Quinta-feira, 26 de Junho de 2014 4:40, "Drake, Aoife" <Aoife.Drake@informa.com> escreveu:

Dear Rodrigo,

You have been granted permission to use your article for the purposes outline below.

Kindest regards,
Aoife

From: Rodrigo Modolo [mailto:rodrigo_modolo@yahoo.com.br]
Sent: 17 June 2014 02:50
To: Drake, Aoife
Subject: Re: Proof Corrections Required for article # 883194

Dear Aoife Drake

We apologize for disturbing you again.

I have made my doctoral dissertation thesis and as a request from our university we have to attach the article we ´ve published during my doctoral fellow.
For that I would like to request for COPYRIGHT release of the article entitled "The white-coat effect is an independent predictor of myocardial ischemia in resistant hypertension" for including in my Ph.D. thesis dissertation.

The **white**-coat effect is an independent predictor of myocardial ischemia in resistant hypertension.
Modolo R, Ruggeri Barbaro N, de Faria AP, Rodrigues Sabbatini A, Paganelli MO, Fontana V, Moreno H.
Blood Press. 2014 Feb 26. [Epub ahead of print]

This thesis is for academic use only and it is not going to be used for commercial, advertising or promotion purposes. I am planning on making 10 copies of my thesis. One of this copies will be displayed in The University (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, Brazil)library). In addition an electronic version of the thesis will be made available at the University Thesis Database.

Thanks very much in advance.

My most kind regards,

Rodrigo Modolo, MD, PhD
Cardiovascular Pharmacology Laboratory - UNICAMP
rodrigo_modolo@yahoo.com.br
+55 19 3521-9538

Blood Pressure, 2014; Early Online: 1–5

informa
healthcare

ORIGINAL ARTICLE

The white-coat effect is an independent predictor of myocardial ischemia in resistant hypertension

RODRIGO MODOLO, NATÁLIA RUGGERI BARBARO, ANA PAULA DE FARIA, ANDRÉA RODRIGUES SABBATINI, MARIA ONDINA PAGANELLI, VANESSA FONTANA & HEITOR MORENO

Laboratory of Cardiovascular Pharmacology, Faculty of Medical Sciences, University of Campinas, Campinas, SP, Brazil

Abstract

White-coat hypertension (WCH), commonly found in pseudoresistant hypertension, does not pose higher cardiovascular risk than hypertensive status. However, when the decrease of the out-of-office blood pressure does not reach normal levels – the white-coat effect (WCE) – the repercussions are still obscure. We investigated the repercussions of the WCE in myocardial perfusion in resistant hypertension (RHTN). We enrolled 129 asymptomatic RHTN subjects – divided into WCE ($n = 63$) and non-WCE ($n = 66$) – to perform rest and stress myocardial perfusion scintigraphy and biochemical tests. Groups were equal regarding age, gender and body mass index. There was a high prevalence of WCE (49%). WCE was associated with higher prevalence of myocardial ischemia (49.2% vs 7.6%, $p < 0.001$), microalbuminuria (60.3% vs 36.4%, $p = 0.01$) and higher heart rate (72 [64–80] vs 64 [60–69], $p < 0.001$), compared with non-WCE patients. On an adjusted logistic regression, heart rate was considered a predictor of WCE (OR = 1.10, 95% CI 1.04–1.15; $p < 0.001$), but not MA (OR = 1.8, 95% CI 0.8–3.9; $p = 0.15$). On a second model of adjusted logistic regression, WCE was an independent predictor of myocardial ischemia (OR = 14.7, 95% CI 4.8–44.8; $p < 0.001$). We found a high prevalence of WCE in RHTN, and this effect may predict silent myocardial ischemia in this subset of hypertensive patients. In this group of hypertensives special attention should be given to the WCE.

Key Words: *Myocardial ischemia, resistant hypertension, white-coat effect*

Introduction

Cardiovascular disease (CVD) is still the major cause of overall mortality in most of Western countries. Coronary heart disease (CHD) is responsible for 16% of all deaths, and causes one heart attack about every 34 s and one death every minute, in the USA alone (1). Hypertension is a major risk factor for CVD, where an increase of 10 mmHg can almost triple the relative risk of CHD (2). However, only 53% of the known hypertensive subjects are at their blood pressure (BP) goal (1). A small but significant number of these uncontrolled patients (varying from 8.9% to 14.5%) (3–5) are considered to have resistant hypertension (RHTN) (6), presenting worse cardiovascular outcomes (7).

The white-coat effect (WCE – a phenomenon where the patient has a lower out-of-office BP than that measured in the clinic) poses a high prevalence in RHTN (20-52%) (8,9). Its occurrence has been attributed to mental stress, hyperactive response of the patient in the presence of a healthcare professional and sympathetic hyperactivity (10,11). Although the absence of a link between white-coat hypertension (WCH) and CHD has already been settled, little is known between the WCE and myocardial ischemia, especially in RHTN patients – with high prevalence of this condition. We aimed to investigate WCE in RHTN and assess myocardial ischemia in this group of subjects.

Methods

This study was approved by the Research Ethics Committee of the local Medical School Institution

Correspondence: Heitor Moreno, Laboratory of Cardiovascular Pharmacology, Faculty of Medical Sciences, University of Campinas, FCM 10 Building, 1st Floor. Campinas – SP, Brazil. Tel: + 55 19 3521 9538. E-mail: hmoreno@uol.com.br

(Received 2 September 2013; accepted 18 December 2013)

ISSN 0803-7051 print/ISSN 1651-1999 online
DOI: 10.3109/08037051.2014.883194

(University of Campinas – Campinas, Brazil). All patients provided written informed consent before participation, and the study was carried according to the Declaration of Helsinki.

Study population

In this cross-sectional study, 129 patients regularly followed at the Outpatient Specialized Resistant Hypertension Clinic of the University of Campinas were enrolled. The subjects had to be completely characterized as having true RHTN according to the accustomed guidelines (6). All subjects were followed for at least 6 months to exclude pseudoresistance (due to non-adherence or non-optimal doses of antihypertensive therapy) (12,13) and secondary causes of hypertension (12,13). Patients with a moderate to high risk of obstructive sleep apnea (OSA) by the Berlin questionnaire or with diagnosed OSA were excluded (14).

For the analysis, subjects were divided into two groups according to the differences in BP levels in ambulatory BP monitoring (ABPM) and office BP. If the difference between 24-h ABPM and office BP measurements was higher than 20 mmHg in the systolic or higher than 10 mmHg in the diastolic BP, they were considered as having WCE ($n = 63$) (9,15). Patients not meeting these criteria were put in the non-WCE group ($n = 66$).

Blood pressure measurements

Office BP measurements were performed three times in each office clinic visit in the right upper arm. The patient was put in a calm environment, and measurements assessed after a 10-min rest in the sitting position with a validated digital sphygmomanometer (Omron HEM-711DLX, OMRON Healthcare Inc., Bannockburn, IL, USA), according to international guidelines (16).

Assessment of 24-h ABPM was performed with a validated automatic device (Spacelabs 90217, Spacelabs Inc, Redmon, WA, USA) (17), and measurements were taken every 20 min. Patients were oriented to maintain their usual daily activities. The parameters measured were: average 24-h systolic, diastolic, mean and pulse pressures, and heart rate. Data were only analyzed if there were at least 70% satisfactory measurements completed (18).

Myocardial perfusion scintigraphy imaging

Image acquisition at rest began 45 min after 925–1480 MBq of Tc-99m sestamibi injection. A dual-headed camera (Millenium MG, GE Medical Systems, Milwaukee, WI) with a high-resolution collimator rotated in a 180° orbit was used and acquired 64 projections (20 s/projection). Vasodilator stress was then induced by dipyrimidole and new images were acquired and interpreted by two experienced observers through a semi-quantitative visual interpretation of myocardial perfusion was in short-axis and vertical long-axis tomograms (19). Myocardial perfusion defects were described after a quantitative evaluation with a 17-myocardial segment approach, where each segment is graded through a 5-point scoring system (19). Images were compared at rest and after stress, and perfusion abnormalities were considered as having: (i) myocardial scarring when the perfusion defects were maintained on the two phases and (ii) myocardial ischemia if the perfusion defects appeared or increased after stress tomograms (19,20).

Statistical analysis

The analyses were performed using SigmaPlot software (Systat Software, Inc.v.12, Chicago, IL, USA). Data are shown as mean± standard deviation, or median (interquartile range) depending on data distribution, and categorical data were presented as percentages. Comparisons of groups were performed with Student's *t*-test or Mann–Whitney *U*, and categorical variables were compared by chi-square. Binary logistic regression was used to assess the prediction of myocardial ischemia by independent variables. The level of significance (α) accepted was 0.05.

Results

Patients enrolled had been diagnosed with RHTN for 17 ± 9 years and had a follow-up of 7 ± 2 years. Thirty-six patients (28%) had myocardial ischemia in the scintigraphy. There were no differences in age, gender, presence of risk factors and medication use between groups (Table I).

The WCE group presented: (i) higher prevalence of myocardial ischemia (49.2% vs 7.6%, $p < 0.001$), (ii) more microalbuminuria (MA; 60.3% vs 36.4%, $p = 0.01$), and (iii) higher 24-h ABPM heart rate (72 [64–80] vs 64 [60–69], $p < 0.001$), compared with those subjects without WCE. The differences between office BP and ABPM measurements, both systolic and diastolic, correlated with MA ($r = 0.34$, $p < 0.001$ and $r = 0.28$, $p = 0.001$) and heart rate ($r = 0.36$, $p < 0.001$ and $r = 0.18$, $p < 0.03$), respectively (Figure 1).

On a binary logistic regression, adjusting for body mass index (BMI), age and gender, heart rate was a predictor of WCE (OR = 1.10, 95% CI 1.04–1.15; $p < 0.001$), but MA was not (OR = 1.8, 95% CI 0.8–3.9; $p = 0.15$). On a second model of logistic regression, adjusting for the same variables, the presence of WCE was considered an independent predictor of

Table I. Characteristics of resistant hypertension (RHTN) patients with white-coat effect (WCE) and without (non-WCE).

Variables	WCE ($n = 63$)	non-WCE ($n = 66$)	p-value
Clinical characteristics			
Age (years)	53 ± 12	55 ± 9	0.30
Gender (female) (%)	45 (71%)	44 (67%)	0.69
BMI (kg/m^2)	31 ± 6	31 ± 7	0.90
Obesity (BMI > 29.9 kg/m^2) (%)	35 (56%)	29 (44%)	0.25
Duration of hypertension (years)	16 ± 8	18 ± 10	0.21
Current smoking habit (%)	10 (16%)	12 (18%)	0.90
Diabetes (%)	11 (17%)	10 (15%)	0.91
Dyslipidemia (%)	13 (21%)	15 (23%)	0.94
Family history of premature CHD (%)	18 (29%)	12 (18%)	0.23
Physical inactivity (%)	14 (24%)	23 (35%)	0.16
Left ventricular hypertrophy (%)	53 (84%)	53 (80%)	0.73
Myocardial ischemia, n (%)	31 (49)	5 (8)	< 0.001
24-h ABPM heart rate (bpm)	72 (64–80)	64 (60–69)	< 0.001
Antihypertensive drugs (%)			
Number of drugs	4.8 ± 0.7	5.1 ± 0.8	0.12
Diuretics (%)	96	97	0.96
ACEI (%)	49	43	0.55
ARA II (%)	76	73	0.80
Beta-blockers (%)	49	53	0.79
Calcium-channel blockers (%)	45	53	0.42
Laboratory parameters			
Cholesterol (mg/dl)	183 ± 27	192 ± 23	0.37
LDL-c (mg/dl)	110 ± 14	107 ± 17	0.25
HDL-c (mg/dl)	47 ± 12	50 ± 9	0.11
Triglycerides (mg/dl)	112 ± 58	125 ± 66	0.24
Fasting blood glucose (mg/dl)	104 ± 17	109 ± 19	0.12
Glycated hemoglobin HbA_1c (%)	7.3 ± 0.9	7.5 ± 0.8	0.18
Urea (mg/dl)	30 ± 15	34 ± 16	0.15
Serum creatinine (mg/dl)	1.0 ± 0.2	1.0 ± 0.3	0.37
MA (mg/g)	60 (16–124)	20 (10–63)	0.004
Patients with MA (%)	38 (60)	24 (36)	0.01
Serum potassium (mEq/dl)	4.0 ± 0.5	4.2 ± 0.4	0.16

BMI, body mass index; CHD, coronary heart disease; ABPM, ambulatory blood pressure monitoring; ACEI, angiotensin-converting enzyme inhibitors; ARA II, angiotensin II receptor blockers; LDL-c, low-density lipoprotein-cholesterol; HDL-c, high-density lipoprotein-cholesterol; MA, microalbuminuria. Values are expressed as mean ± SD and median (interquartile range).

myocardial ischemia (OR = 14.7, 95% CI 4.8–44.8; $p < 0.001$).

Discussion

We assessed myocardial ischemia and WCE in a population of true resistant hypertensive subjects. Our main findings were that there is a high prevalence of the WCE in RHTN (49%), and that in these patients the presence of myocardial ischemia is higher than in those without WCE. Indeed, the renal target organ damage assessed by MA and heart rate were also greater in WCE. Thus, the WCE was predicted by elevated heart rate and was considered an independent predictor of myocardial ischemia in patients with RHTN.

The definition of WCE can be a little confusing. The difference from WCH is that the latter is a phenomenon where the untreated patient presents an elevated office BP level that normalizes in 24-h ABPM – being a hypertensive status due to the presence of a healthcare professional. Conversely, WCE occurs when there is a decrease in awake BP levels on the 24-h ABPM compared with office BP evaluation but not necessarily normalizing it (15).

The importance of assessing BP through 24-h ABPM in hypertensive patients is well established (21–23); however, when patients present elevated BP levels (above goal) both in ABPM and office BP measurements, the impact of presenting the white-coat phenomenon is still obscure, especially in RHTN.

Differently from what studies have found regarding the decreased incidence of cardiovascular outcomes in patients with WCH compared with the masked or maintained hypertension (24), we found that MA and myocardial ischemia are more frequent in WCE. However, we analyzed patients with RHTN (therefore a more afflicted set of hypertensive patients), and those that were still considered resistant in 24-h ABPM evaluation – presenting only the phenomenon of WCE, but not the hypertension caused in the presence of a white-coat professional.

When assessing patients with WCH, it has been shown that myocardial ischemia is less prevalent than in hypertensive subjects (25). In contrast, in our

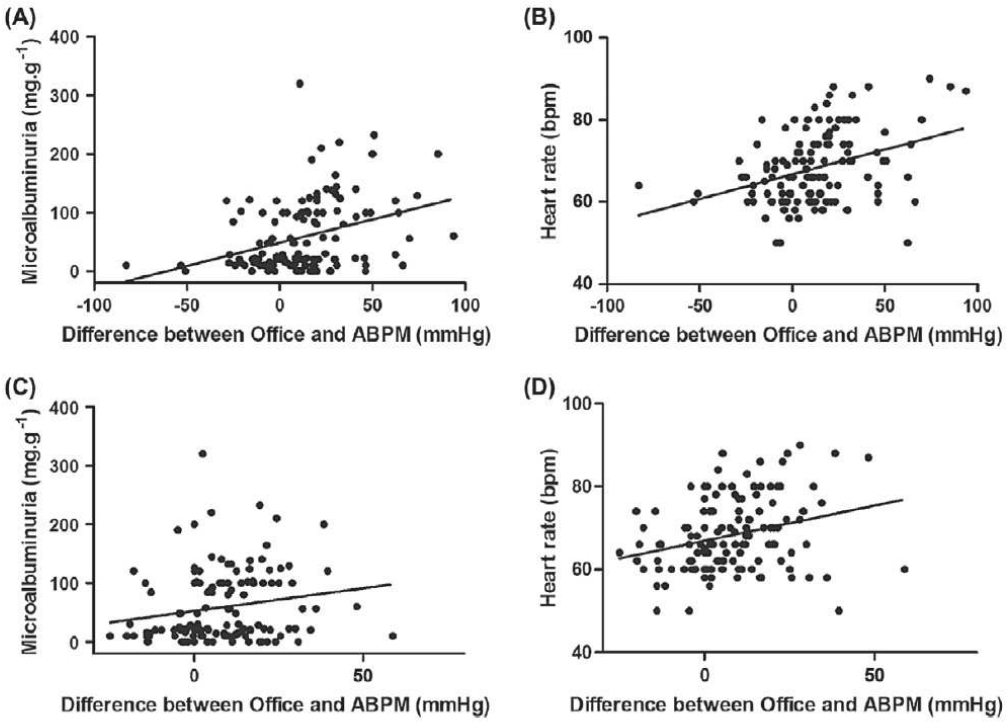


Figure 1. Correlations between the intensity of the white-coat effect (WCE), differences in office blood pressure (BP) and ambulatory BP monitoring (ABPM), and microalbuminuria and heart rate. Panels (A) and (B) systolic blood pressure. Panels (C) and (D) diastolic blood pressure.

sample, myocardial ischemia was not only more often present, but was also a predictor of WCE. This apparent difference in findings could be because our patients did not present WCH, and the WCE along with the presence of RHTN would impact more on the myocardium perfusion abnormalities.

MA was found to be associated with the WCE in our sample. Recently our research group has found that the MA was not statistically greater in patients with the WCE phenomenon (9); however, the power of the performed test at that time did not reach 80%. Even though the presence of MA was associated with WCE, MA was not considered a predictor of WCE in our sample.

In our sample, the WCE group presented higher 24-h heart rate measure, and it was even a predictor of having WCE. This can be explained due to an increased autonomic imbalance in this group of patients (26). The WCE phenomenon has been associated to occur in patients with increased sympathetic and decreased parasympathetic activities (27,28).

Myocardial ischemia was also more prevalent when WCE was present, and the occurrence of this phenomenon was considered a predictor of myocardial ischemia in RHTN. The link between coronary artery disease and that same autonomic imbalance has already been shown (29). Since this sympathetic hyperactivity may be enhanced in WCE, we can infer that the higher prevalence of myocardial ischemia in WCE may be explained by the autonomic imbalance in this group of RHTN subjects.

As a limitation to our study, this is a cross-sectional observational study, limiting causal relationship. Moreover, the myocardial ischemia evaluation in these patients, although accurate, has inherent flaws, in particular regarding false negatives because of balanced ischemia (30). Also, interpretation of the 24-h heart rate has to be taken cautiously, since the patients were not at rest, but maintaining their daily activities, which certainly differ between subjects.

In conclusion, the WCE has higher prevalence in RHTN, and its presence predicts myocardial ischemia in this specific group of patients. MA – a renal hypertensive damage – is also altered in WCE, and the intensity of the WCE correlates linearly and positively to the levels of MA. Our suggestion is that in RHTN patients with WCE, special attention should be given to CHD, in order to early diagnose any alteration and program the best therapy. Further larger and longitudinal studies should be carried out to test these findings in the settings of prognostic conclusions.

Acknowledgements

This study was supported by the State of São Paulo Research Foundation (Fapesp) and National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), Brazil.

Declaration of interest

The authors declare that they have no conflicts of interest.

References

1. Go AS, Mozaffarian D, Roger VL, Benjamin EJ, Berry JD, Borden WB, et al. Heart Disease and Stroke Statistics – 2013 update. A report from the American Heart Association. Circulation. 2013;127:E6–E245.
2. Macmahon S, Peto R, Cutler J, Collins R, Sorlie P, Neaton J, et al. Blood-pressure, stroke, and coronary heart-disease. 1. Prolonged differences in blood-pressure – Prospective observational studies corrected for the regression dilution bias. Lancet. 1990;335:765–774.
3. Persell SD. Prevalence of resistant hypertension in the United States, 2003–2008. Hypertension. 2011;57:1076–1080.
4. Acelajado MC, Pisoni R, Dudenbostel T, Dell'Italia LJ, Cartmill F, Zhang B, et al. Refractory hypertension: Definition, prevalence, and patient characteristics. J Clin Hypertens. 2012;14:7–12.
5. de la Sierra A, Banegas JR, Oliveras A, Gorostidi M, Segura J, de la Cruz JJ, et al. Clinical differences between resistant hypertensives and patients treated and controlled with three or less drugs. J Hypertens. 2012;30:1211–1216.
6. Calhoun DA, Jones D, Textor S, Goff DC, Murphy TP, Toto RD, et al. Resistant hypertension: Diagnosis, evaluation, and treatment – A scientific statement from the American Heart Association Professional Education Committee of the Council for High Blood Pressure Research. Hypertension. 2008;51:1403–1419.
7. Pierdomenico SD, Lapenna D, Bucci A, Di Tommaso R, Di Mascio R, Manente BM, et al. Cardiovascular outcome in treated hypertensive patients with responder, masked, false resistant, and true resistant hypertension. Am J Hypertens. 2005;18:1422–1428.
8. Brown MA, Buddle ML, Martin A. Is resistant hypertension really resistant? Am J Hypertens. 2001;14:1263–1269.
9. Figueiredo VN, Martins LC, Boer-Martins L, de Faria APC, Moraes CD, Santos RC, et al. The white coat effect is not associated with additional increase of target organ damage in true resistant hypertension. Med Clin-Barcelona. 2013; 140:1–5.
10. Gualdiero P, Niebauer J, Addison C, Clark SJ, Coats AJS. Clinical features, anthropometric characteristics, and racial influences on the 'white-coat effect' in a single-centre cohort of 1553 consecutive subjects undergoing routine ambulatory blood pressure monitoring. Blood Press Monit. 2000;5:53–57.
11. Lantelme P, Milon H, Gharib C, Gayet C, Fortrat JO. White coat effect and reactivity to stress – Cardiovascular and autonomic nervous system responses. Hypertension. 1998;31: 1021–1029.
12. de Souza WA, Sabha M, Favero FD, Bergsten-Mendes G, Yugar-Toledo JC, Moreno H. Intensive monitoring of adherence to treatment helps to identify "true" resistant hypertension. J Clin Hypertens. 2009;11:183–191.
13. De Souza WA, Yugar-Toledo JC, Bergsten-Mendes G, Sabha M, Moreno H. Effect of pharmaceutical care on blood pressure control and health-related quality of life in patients with resistant hypertension. Am J Health-Syst Ph. 2007;64:1955–1961.
14. Drager LF, Genta PR, Pedrosa RP, Nerbass FB, Gonzaga CC, Krieger EM, et al. Characteristics and predictors of obstructive sleep apnea in patients with systemic hypertension. Am J Cardiol. 2010;105:1135–1139.
15. Pickering TG, Gerin W, Schwartz AR. What is the white-coat effect and how should it be measured? Blood Press Monit. 2002;7:293–300.
16. Chobanian AV, Bakris GL, Black HR, Cushman WC, Green LA, Izzo JL, et al. Seventh Report of the Joint National Committee on Prevention, Detection, Evaluation, and Treatment of High Blood Pressure. Hypertension. 2003;42:1206–1252.
17. Groppelli A, Omboni S, Parati G, Mancia G. Evaluation of noninvasive blood-pressure monitoring devices Spacelab-90202 and Spacelab-90207 versus resting and ambulatory 24-hour intraarterial blood-pressure. Hypertension. 1992;20: 227–232.
18. Mancia G, Fagard R, Narkiewicz K, Redon J, Zanchetti A, Bohm M, et al. 2013 ESH/ESC Guidelines for the management of arterial hypertension: The Task Force for the management of arterial hypertension of the European Society of Hypertension (ESH) and of the European Society of Cardiology (ESC). Eur Heart J. 2013;34:2159–2219.
19. Cerqueira MD, Weissman NJ, Dilsizian V, Jacobs AK, Kaul S, Laskey WK, et al. Standardized myocardial segmentation and nomenclature for tomographic imaging of the heart: A statement for healthcare professionals from the Cardiac Imaging Committee of the Council on Clinical Cardiology of the American Heart Association. J Nucl Cardiol. 2002;9:240–245.
20. Hachamovitch R, Berman DS, Shaw LJ, Kiat H, Cohen I, Cabico JA, et al. Incremental prognostic value of myocardial perfusion single photon emission computed tomography for the prediction of cardiac death – Differential stratification for risk of cardiac death and myocardial infarction. Circulation. 1998;97:535–543.
21. Hansen TW, Kikuya M, Thijs L, Bjorklund-Bodegard K, Kuznetsova T, Ohkubo T, et al. Prognostic superiority of daytime ambulatory over conventional blood pressure in four populations: A meta-analysis of 7030 individuals. J Hypertens. 2007;25:1554–1564.
22. Grassi G, Bombelli M, Seravalle G, Brambilla G, Dell'Oro R, Mancia G. Role of ambulatory blood pressure monitoring in resistant hypertension. Curr Hypertens Rep. 2013;15: 232–237.
23. Dolan E, Stanton AV, Thom S, Caulfield M, Atkins N, McInnes G, et al. Ambulatory blood pressure monitoring predicts cardiovascular events in treated hypertensive patients – An Anglo-Scandinavian cardiac outcomes trial substudy. J Hypertens. 2009;27:876–885.
24. Fagard RH, Cornelissen VA. Incidence of cardiovascular events in white-coat, masked and sustained hypertension versus true normotension: A meta-analysis. J Hypertens. 2007;25: 2193–2198.
25. Nalbantgil I, Onder R, Nalbantgil S, Yilmaz H, Boydak B. The prevalence of silent myocardial ischaemia in patients with white-coat hypertension. J Hum Hypertens. 1998;12:337–341.
26. Boer-Martins L, Figueiredo VN, Demacq C, Martins LC, Consolin-Colombo F, Figueiredo MJ, et al. Relationship of autonomic imbalance and circadian disruption with obesity and type 2 diabetes in resistant hypertensive patients. Cardiovasc Diabetol. 2011;10.
27. Fagard RH, Stolarz K, Kuznetsova T, Seidlerova J, Tikhonoff V, Grodzicki T, et al. Sympathetic activity, assessed by power spectral analysis of heart rate variability, in white-coat, masked and sustained hypertension versus true normotension. J Hypertens. 2007;25:2280–2285.
28. Neumann SA, Jennings JR, Muldoon MF, Manuck SB. White-coat hypertension and autonomic nervous system dysregulation. Am J Hypertens. 2005;18:584–588.
29. Evrengul H, Tanriverdi H, Kose S, Amasyali B, Kilic A, Celik T, et al. The relationship between heart rate recovery and heart rate variability in coronary artery disease. Ann Noninvas Electro. 2006;11:154–162.
30. Aarnoudse WH, Botman KJ, Pijls NH. False-negative myocardial scintigraphy in balanced three-vessel disease, revealed by coronary pressure measurement. Int J Cardiovasc Intervent. 2003;5:67–71.

5 CAPÍTULO II

Em Terça-feira, 8 de Julho de 2014 13:03, American Journal of Hypertension <AJHYPE@oup.com> escreveu:

Hi Dr. Modolo,

Because you have signed OUP's License to Publish form, the copyright remains with you. As such, you can use the manuscript as part of your thesis, with proper acknowledgment.

I hope this is good news, and I will forward a clean copy of your paper as soon as I receive one from the typesetter.

Best,

Jan (for Mandy)

Jan Martin | Production Editor
Journals | Oxford University Press USA
2001 Evans Road
Cary, NC 27513
jan.martin@oup.com
919.677.0977, ext. 5529

From: Rodrigo Modolo [mailto:rodrigo_modolo@yahoo.com.br]
Sent: Monday, July 07, 2014 3:45 PM
To: ajhype_oup@newgen.co
Cc: American Journal of Hypertension; rodrigo_modolo@yahoo.com.br
Subject: Re: Proof of your article hpu140 from American Journal of Hypertension is available for your review [AJH-D-14-00156]

Dear Mandy Byrdic

Production Editor -Oxford Journals,

Regarding the article (10.1093/ajh/hpu140) to be published in the American Journal of

Hypertension.

I have made my doctoral dissertation thesis and as a request from our university we have to attach the article we ´ve published during my doctoral fellow.

For that I would like to request for COPYRIGHT release of the article entitled "Predictors of silent myocardial ischemia in resistant hypertensive patients" (10.1093/ajh/hpu140), to be published in the American Journal of Hypertension, for including in my Ph.D. thesis dissertation.

This thesis is for academic use only and it is not going to be used for commercial, advertising or promotion purposes. I am planning on making 10 copies of my thesis. One of this copies will be displayed in The University (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, Brazil)library). In addition an electronic version of the thesis will be made available at the University Thesis Database.

If possible, could you also send me a copy of the article so I can include in the thesis?

Thanks very much in advance.

My most kind regards,

Rodrigo Modolo, MD, PhD
Cardiovascular Pharmacology Laboratory - UNICAMP
rodrigo_modolo@yahoo.com.br
+55 19 3521-9538

Predictors of Silent Myocardial Ischemia in Resistant Hypertensive Patients

Rodrigo Modolo,[1] Ana Paula de Faria,[1] Maria O. Paganelli,[1] Andréa R. Sabbatini,[1] Natália R. Barbaro,[1] Beatriz B. Nascimento,[2] Celso D. Ramos,[2] Vanessa Fontana,[1] David A. Calhoun[3] and Heitor Moreno[1]

BACKGROUND
Hypertension is the most prevalent and significant modifiable risk factor for coronary heart disease. A portion of patients with uncontrolled hypertension are considered to have resistant hypertension (RHTN). Myocardial ischemia incidence increases along with blood pressure (BP) levels. However, the prevalence of myocardial ischemia in patients with RHTN, as well as the factors associated with it, is unknown.

METHODS
We enrolled 129 patients with true RHTN regularly followed in our specialty hypertension clinic and evaluated them by resting and dipyridamole pharmacological stress myocardial perfusion scintigraphy. Patients were then divided into 2 groups: those with (I-RHTN; n = 36) and those without (NI-RHTN; n = 93) myocardial ischemia. Echocardiography, 24-hour ambulatory BP monitoring (ABPM), and flow mediated dilation (FMD) were also evaluated.

RESULTS
Thirty six (28%) patients had myocardial ischemia. There was no difference between groups regarding age, sex, biochemical parameters, office, and 24-hour ABPM levels. Patients in the I-RHTN group were more likely diabetic (31% vs. 11%; $P < 0.05$) and obese (75% vs. 40%; $P < 0.001$). Adjusting for age and body mass index, multiple logistic regression showed that diabetes (odds ratio [OR] = 6.5; 95% confidence interval [CI] = 1.06–40.14; $P = 0.04$), FMD (OR = 0.18; 95% CI = 0.07–0.41; $P < 0.001$), heart rate (OR = 1.23; 95% CI = 1.11–1.36; $P < 0.001$), left ventricular mass index (OR = 1.02; 95% CI = 1.01–1.04; $P = 0.04$), and microalbuminuria (OR = 1.02; 95% CI = 1.01–1.04; $P = 0.002$) were independent predictors of ischemia.

CONCLUSIONS
In conclusion, there is a high prevalence of myocardial ischemia in patients with RHTN. Increased microalbuminuria, heart rate, endothelial dysfunction, and left ventricular mass can be useful to guide the investigation for myocardial ischemia in these high risk patients.

Keywords: blood pressure; coronary artery disease; hypertension; myocardial ischemia; resistant hypertension; target organ damage.

doi:10.1093/ajh/hpu140

Hypertension is strongly associated with coronary heart disease, where a 10–mm Hg change in blood pressure (BP) reduces the risk of this condition by 37%.[1] It is imperative to effectively control BP levels to reduce the risk of cardiovascular events.[2] However, in a cross-sectional analysis of the Framingham Heart Study, only 48% of treated hypertensive patients and <40% of elderly participants were controlled to <140/90 mm Hg.[3] A significant number of these uncontrolled patients were classified as having resistant hypertension (RHTN)—defined as high BP levels despite the use of at least 3 antihypertensive agents or controlled BP with at least 4 antihypertensive drugs.[4]

Resistant hypertensive patients have a higher incidence of target organ damages (TOD) and its markers such as endothelial dysfunction, microalbuminuria, and left ventricular hypertrophy (LVH).[5,6] TOD poses greater incidence of cardiovascular events, such as myocardial infarction,[7] that might be due to (i) aging and diabetes[5] and (ii) more atherosclerotic plaques.[8] Thus, clinicians must be aware of the potential for silent ischemia and the need for early diagnostic tests for myocardial ischemia. Myocardial perfusion scintigraphy with (99m)tc-sestamibi can accurately diagnose coronary artery disease in asymptomatic patients with hypertension.[9,10] However, appropriate consideration of predictors of myocardial ischemia in this subpopulation of hypertensive subjects may help to avoid extra costs in detecting myocardial ischemia.

We investigated myocardial ischemia in resistant hypertensive subjects and compared clinical and laboratory characteristics of patients with and without scintigraphy abnormalities to define predictors of myocardial ischemic alterations in these subjects.

METHODS

This study was approved by the Research Ethics Committee of the Faculty of Medical Sciences, University of Campinas (Campinas, Brazil), and each participant provided signed

Correspondence: Rodrigo Modolo (rodrigo_modolo@yahoo.com.br).

Initially submitted April 10, 2014; date of first revision May 3, 2014; accepted for publication June 9, 2014.

[1]Department of Pharmacology, Faculty of Medical Sciences University of Campinas–UNICAMP, Campinas, SP, Brazil; [2]Department of Radiology, Faculty of Medical Sciences, University of Campinas–UNICAMP, Campinas, SP, Brazil; [3]Vascular Biology and Hypertension Program, University of Alabama at Birmingham, Birmingham, Alabama.

written consent. This study was carried out according to the Declaration of Helsinki.

Study population

In this cross-sectional study, 129 consecutive subjects classified as resistant hypertensive patients according to international guidelines[4] were enrolled from the Resistant Hypertension Clinic at University of Campinas (Campinas, Brazil). All patients underwent myocardial perfusion scintigraphy with pharmacological stress for evaluation of myocardial ischemia between 2008 and 2012. According to the scintigraphy findings, they were divided into 2 groups: (i) patients with myocardial ischemia (I-RHTN; n = 36) and (ii) patients without myocardial ischemia (NI-RHTN; n = 93). The diagnosis of RHTN—defined as uncontrolled BP with the use of 3 antihypertensive drugs or controlled BP with the need for at least 4 drugs—was given after at least 6 months of follow-up, confirmation of the need for the prescribed medications, and certification of the BP levels with correctly measured office BP levels and through ambulatory BP monitoring (ABPM) to exclude white coat hypertension.[4,11] Pseudoresistance due to medication nonadherence and to secondary causes of hypertension were excluded.[12,13] Adherence was evaluated by pill count method and using the Morisky questionnaire.[14] Nonadherent subjects (with adherence rate <80% of the prescribed medication) were excluded. All BP measurements were performed according to the current guidelines.[4,11] Patients with obstructive sleep apnea previously diagnosed by polysomnography or with moderate to high risk of obstructive sleep apnea by the Berlin sleep questionnaire were also excluded.[15] Subjects with prior coronary events or who were symptomatic for coronary obstructions, such as exertional angina, were also excluded.

Myocardial perfusion scintigraphy

A dual-headed camera (Millenium MG; GE Medical Systems, Milwaukee, WI) with a high-resolution collimator rotated in a 180° orbit and able to acquire 64 projections (20 seconds per projection) was used in this study. The images were obtained after 45 minutes of Tc-99 m sestamibi infusion (925–1,480 MBq) at rest and after vasodilator stress induced by dipyridamole. Images were interpreted by 2 experienced observers, independently, and the interobserver variability was 5%. Semiquantitative visual interpretation of myocardial perfusion was performed with short-axis and vertical long-axis tomograms,[16] and correction for attenuation was performed. The myocardial perfusion defects were described regarding the extent of the lesions and the presence of the reversibility areas, intensity of the defect, and location. Quantitative analysis was performed after an evaluation of a 17-myocardial segment approach. Each segment is graded through a 5-point scoring system.[16] Images were compared at rest and after pharmacological stress. Scarring in the myocardium was considered if the perfusion defects were irreversible and ischemic when they were reversible. According to these parameters, results were given as definitive or transient hypoperfusion areas, with the transient corresponding to myocardial ischemia.[16] Patients with values >6% of transient hypoperfusion were considered as having a positive exam for myocardial ischemia.

BP measurements

Office BP measurements were recorded 3 times using a digital sphygmomanometer (Omron HEM-711DLX; OMRON Healthcare, Bannockburn, IL) on the right upper arm in the sitting position after a 10-minute rest. The average of 2 consecutive measurements was used when a variation <5 mm Hg was encountered.[17]

Twenty-four-hour ABPM was carried out with an automatic device (Spacelabs 90217; SpacelabsInc, Redmond, WA).[18] Patients were oriented to keep normal daily activities, and BP was measured at 20-minute intervals during a 24-hour period. The parameters measured were average 24-hour systolic BP, diastolic BP, mean BP, pulse pressure, and dipper status.

Endothelial function assessment

Brachial artery dilation was measured by linear vascular transducer (4–13 MHz, Siemens Acuson CV70; Siemens, Munich, Germany). The brachial artery flow-mediated dilation test was performed according to current guidelines.[19,20] All studies were initiated at 8:00 AM after overnight fasting with the subjects in a supine position in a quiet, air-conditioned room (22–24 °C). Diameter of the brachial artery was taken 5 cm above the elbow. A polyurethane cuff (Hokanson, Bellevue, WA) was placed on the forearm and inflated for 5 minutes at a 250–mm Hg pressure and quickly deflated. After 45 seconds a new diameter was recorded at the exact site of the prior assessment. Changes in the brachial artery diameter were expressed as a percentage relative to the vessel diameter before cuff inflation. The vascular function examination was performed by 2 experienced blinded examiners, and there was no significant interobserver (5%) or intraobserver (2.5%) measurement variability. No subject had baseline brachial diameter >6.0 mm.

Echocardiography

The measurements of the dimensions of the left ventricle were performed according to the American Society of Echocardiography recommendations using 2-dimensional targeted M-mode echocardiography. Left ventricular (LV) diastolic diameter (LVDD) and LV systolic diameter (LVSD), as well as the interventricular septal (IVS) thickness and LV posterior wall thickness at the end of diastole, were measured according to the QRS wave of electrocardiography. Ejection fraction was calculated by the Teicholz method, LV mass was inferred with the specific formula published elsewhere,[21] and LV mass index (LVMI) was calculated by dividing LV mass by the body surface. Doppler parameters were early mitral inflow peak (E-wave) and late diastolic peak (A-wave) velocities, in order to calculate E/A ratio.[22] Echocardiographic measurements were evaluated by 2 blinded independent investigators using cardiovascular

ultrasound machine (Siemens Acuson CV70; Siemens) with multifrequency sector transducer (2–4 MHz). The intraobserver and interobserver coefficients of variation of the LVDD, LVSD, interventricular septal thickness, and LV posterior wall thickness were <5.5% and 9.5% for LVMI.

Statistical analysis

Categorical variables were expressed as percentages (%), and continuous data were expressed as mean and SD when normally distributed or as median and interquartile range when the distribution was non-normal. Continuous variables were compared using Student *t* tests or Mann–Whitney tests according to distributions. Categorical variables were compared using χ^2 or Fisher exact tests. A multiple logistic regression model including the variables age, diabetes, body mass index, heart rate (HR), LVMI, and microalbuminuria for the presence of myocardial ischemia was performed. The level of significance (α) accepted was 0.05 (two-sided *P* value). The analyses were performed using SigmaPlot software (version 12; Systat Software, Chicago, IL).

RESULTS

The demographic and clinical characteristics of study population are shown in Table 1. The proportion of patients with uncontrolled BP was not different between I-RHTN and NI-RHTN (53% vs. 66%). Overall, the mean age of patients with RHTN was 54 ± 11 years; 39 (30%) were men. No statistical differences were observed between I-RHTN and NI-RHTN in regards to age and sex. Body mass index and diabetes frequency were higher in I-RHTN patients. Laboratory parameters were similar in both groups, except for microalbuminuria, which was higher in the I-RHTN group (Table 1). The extent of ventricular mass with reversible perfusion defects (ischemia) was 9% ± 3% among patients in the I-RHTN group according to scintigraphy findings.

Office BP and ABPM measurements were similar in both I-RHTN and NI-RHTN patients. Flow-mediated dilation was significantly lower in the I-RHTN group (Table 2). There was no difference in 24-hour ABPM dipper patterns between the 2 groups.

Echocardiography evaluation revealed no difference in ejection fraction between the groups. However, left atrial diameter, septal wall thickness, posterior wall thickness, LVDD, LV mass, LVMI, and E/A ratio were higher in the I-RHTN group when compared with the NI-RHTN group. The predominant pattern of LV hypertrophy was concentric (Table 3).

Multivariable logistic regression analysis adjusted for body mass index and age showed that diabetes (OR = 6.5; 95% CI = 1.06–40.14; $P = 0.04$), flow-mediated dilation (OR = 0.18; 95% CI = 0.07–0.41; $P < 0.001$), HR (OR = 1.23; 95% CI = 1.11–1.36; $P < 0.001$), LVMI (OR = 1.02; 95% CI = 1.01–1.04; $P = 0.04$), and microalbuminuria (OR = 1.02; 95% CI = 1.01–1.04; $P = 0.002$) were independent predictors of ischemia (Table 4). Similar results were obtained when adjusting for age and sex, with the same independent variables above. No interactions were found between all independent variables in the regression.

DISCUSSION

We assessed the presence of the myocardial perfusion abnormalities detected by scintigraphy in a population of asymptomatic RHTN patients. Our main findings were an association of the presence of myocardial ischemia with diabetes, endothelial dysfunction, HR, microalbuminuria, and LVMI. Hence, myocardial ischemia was predicted by microalbuminuria, LVMI, HR, presence of diabetes, and flow-mediated dilation.

Ischemic patients had more diabetes, in agreement with other observational studies in which diabetes is not only more prevalent in coronary disease patients but is also considered an important risk factor.[23] We found a prevalence of 28% of silent myocardial ischemia in patients with RHTN. Previous studies showed that 14% of nondiabetic patients, 26% of diabetic patients,[24] and 28% of diabetic patients with known CAD have myocardial ischemia. Also, the presence of hypertension combined with diabetes impact more myocardial ischemia than nondiabetic hypertensive patients (29% vs. 12%).[25] The high prevalence of myocardial ischemia in our asymptomatic sample shows the importance of RHTN as a risk for myocardial ischemia, comparable with the risk of diabetic patients with already diagnosed CAD.

Flow-mediated dilation, a reflection of endothelial function, was more impaired in the group of I-RHTN subjects. Endothelial dysfunction is associated with increased cardiovascular events and atherosclerosis risk factors, especially in hypertensive patients,[26] and it has been considered a predictor of coronary disease in individuals with stable angina.[27] Because flow-mediated dilation was not affected by differences in drug therapy in our sample, our findings suggest that endothelial dysfunction may be closely related to myocardial ischemia in RHTN.

There is a high prevalence of TOD in resistant hypertensive subjects.[28] The presence of TOD due to hypertension is more common and is even a predictor of vascular events and mortality in subjects with vascular disease.[29] In our specific set of patients (RHTN), who are per se more afflicted by TOD,[5] we observed a similar finding—that is, RHTN patients with myocardial ischemia presented with greater microalbuminuria and increased LV mass. Microalbuminuria, also found to be an independent predictor of myocardial ischemia in our sample, has previously been shown to be strongly associated with cardiovascular morbidity in RHTN, especially with coronary heart disease.[30] These links between altered renal protein excretion and cardiovascular morbidity can likely be explained by widespread arterial damage, endothelial dysfunction (also a predictor of ischemia in our sample), and systemic inflammation.[31]

Elevated resting HR is long known to be a risk factor for coronary artery disease.[32] We found that HR, measured by 24-hour ABPM, was higher in the patients presenting with myocardial ischemia than in those with normal myocardial perfusion. In fact, HR is increased in RHTN individuals with uncontrolled BP compared with control groups.[33] Thus, in our sample, the higher HR in the I-RHTN group could be explained by increased sympathetic activity reflecting autonomic imbalance in this subpopulation of hypertensive subjects, as previously described by our group, especially when associated with diabetes.[34]

Table 1. Characteristics of RHTN patients with (I-RHTN) and without (NI-RHTN) myocardial ischemia

Variables	I-RHTN (n = 36)	NI-RHTN (n = 93)
Demographic characteristics and cardiovascular risk factors		
Age, y, mean ± SD	52 ± 12	55 ± 10
Female sex, no. (%)	21 (59)	69 (74)
BMI, kg/m^2	33 (30–37)*	29 (26–33)
Obesity, BMI > 29.9 kg/m^2, no. (%)	27 (75)**	37 (40)
Duration of hypertension, y	14 (10–18)	17 (12–20)
Current smoking habit, no. (%)	9 (25)	13 (14)
Diabetes, no. (%)	11 (31)*	10 (11)
Dyslipidemia, no. (%)	11 (31)	17 (18)
Family history of premature CHD, no. (%)	12 (33)	18 (19)
Alcohol ingestion, no. (%)	2 (6)	7 (8)
Physical inactivity, no. (%)	10 (28)	27 (29)
Left ventricular hypertrophy, no. (%)	32 (88)	80 (86)
Antihypertensive drugs		
Number of drugs, mean ± SD	4.8 ± 0.6	5.1 ± 0.5
Diuretics, %	98	95
ACEI, %	41	45
ARA II, %	71	76
Beta-blockers, %	47	53
Calcium channel blockers, %	48	52
Direct vasodilators/central α-agonists, %	2	4
Laboratory parameters		
Cholesterol, mg/dl, mean ± SD	184 ± 16	189 ± 14
LDL-C, mg/dl, mean ± SD	112 ± 20	107 ± 18
HDL-C, mg/dl, mean ± SD	49 ± 16	50 ± 14
Triglycerides, mg/dl, mean ± SD	121 ± 86	113 ± 76
Fasting blood glucose, mg/dl, mean ± SD	109 ± 11	107 ± 8
Glycated hemoglobin HbA_1c, %, mean ± SD	7.6 ± 1.1	7.4 ± 0.7
Urea, mg/dl, mean ± SD	31 ± 17	32 ± 11
Serum creatinine, mg/dl, mean ± SD	1.0 ± 0.3	1.1 ± 0.2
eGFR, ml min/24 h, mean ± SD	94 ± 10	90 ± 8
MA, mg/g	110 (57–140)**	20 (10–56)
UNa, mg/24 h, mean ± SD	110 ± 22	109 ± 26
Serum potassium, mEq/dl, mean ± SD	4.2 ± 0.3	4.1 ± 0.3
UK, mEq/24 h, mean ± SD	47 ± 20	46 ± 18
PAC, ng/dl, mean ± SD	21.2 ± 4.2	19.5 ± 3.6
PRA, ng/mL per h, mean ± SD	1.88 ± 0.61	2.32 ± 0.73
ARR, ng/dl per ng/ml per h, mean ± SD	12.9 ± 8.5	10.3 ± 2.7

Abbreviations: ACEI, angiotensin-converting enzyme inhibitors; ARA II, angiotensin II receptor blockers; ARR, aldosterone–renin ratio; BMI, body mass index; CHD, coronary heart disease; eGFR, estimated glomerular filtration rate; HDL-C, high-density lipoprotein cholesterol; LDL-C, low-density lipoprotein cholesterol; MA, microalbuminuria; PAC, plasma aldosterone concentration; PRA, plasma renin activity; RHTN, resistant hypertension; UK, urinary potassium concentration; UNa, urinary sodium concentration.
*$P < 0.05$ vs. NI-RHTN; **$P < 0.001$ vs. NI-RHTN.

Table 2. Twenty-four-hour ambulatory blood pressure, endothelial function (flow-mediated dilation test), and nondipper status in resistant hypertension patients with and without myocardial ischemia

Variable	I-RHTN (n = 36)	NI-RHTN (n = 93)
ABPM measurements		
24-h mean SBP, mm Hg	145 (136–161)	151 (143–162)
24-h mean DBP, mm Hg	88 (83–92)	92 (88–101)
24-h mean PP, mm Hg	54 (51–69)	56 (51–66)
24-h mean HR, bpm	76±9**	65±7
Nondipper status, no. (%)	21 (58%)	44 (47%)
Office blood pressure		
Office SBP, mm Hg	154 (148–162)	157 (148–165)
Office DBP, mm Hg	97 (90–106)	100 (95–103)
Office PP, mm Hg	61±16	58±14
Uncontrolled RHTN, %	53	66
Flow-mediated dilation, %	6.9 (5.8–7.2)**	7.9 (7.0–8.8)

Abbreviations: ABPM, 24-hour ambulatory blood pressure monitoring; DBP, diastolic blood pressure; HR, heart rate; I-RHTN, resistant hypertension with myocardial ischemia; NI-RHTN, resistant hypertension without myocardial ischemia; PP, pulse pressure; RHTN, resistant hypertension; SBP, systolic blood pressure.
**$P < 0.001$ vs. NI-RHTN.

Table 3. Echocardiographic variables in patients with and without myocardial ischemia

Echocardiographic variables	I-RHTN (n = 36)	NI-RHTN (n = 93)
Ejection fraction, %	65 (60–71)	64 (60–69)
Left atrium diameter, mm	41.6±4.9*	39.7±4.2
Septal wall thickness, mm	13.1±3.4*	11.5±1.9
Posterior wall thickness, mm	12.4±2.2*	11.4±1.8
Diastolic LV diameter, mm	53 (49–55)*	49 (47–53)
LV mass, g	263 (214–331)**	218 (178–256)
LV mass index, g/m²	134 (110–160)*	124 (101–143)
E/A ratio	0.9±0.1**	1.0±0.1
LV geometric patterns		
Concentric remodeling	1 (3)	6 (6)
Concentric hypertrophy	26 (72)	62 (67)
Eccentric hypertrophy	9 (25)	25 (27)

Abbreviations: E/A, early diastolic filling velocity/atrial diastolic velocity; I-RHTN, resistant hypertension with myocardial ischemia; LV, left ventricular; NI-RHTN, resistant hypertension without myocardial ischemia; RHTN, resistant hypertension.
*$P < 0.05$ vs. NI-RHTN; **$P < 0.001$ vs. NI-RHTN.

TOD increases along with BP levels.[28] Interestingly, in our study, in the I-RHTN group the association between BP levels and TOD was not maintained, with the prevalence of TOD being higher, with no increment on the levels of BP. Explanations of this discrepancy between higher TODs without BP increases in the I-RHTN group have yet to emerge but may be related to the fact that both LVH and decreased BP may worsen myocardial ischemia by reducing perfusion pressure, as demonstrated by Mansour *et al.*[35]

In regards to the echocardiographic parameters, we also encountered significant differences in left atrial diameters and E/A ratio between groups. Although diastolic dysfunction was not completely assessed, the increase in left atrium dimensions and the lower ratio between Doppler waves E and A suggest more impaired diastolic function in the I-RHTN group.[36]

Myocardial perfusion scintigraphy was used in this study because it is a noninvasive method and provides incremental prognostic information beyond clinical and exercise electrocardiogram data.[37] Myocardial perfusion scintigraphy has the ability to detect not only epicardial obstructions but also microvascular alterations in hypertensive patients, in contrast to stress echocardiography, which has a poor ability to identify abnormalities of the microvascular coronaries.[38] The

Table 4. Multivariable logistic regression for the presence of myocardial ischemia

Variable	Odds ratio (95% confidence interval)	*P* value
Diabetes	6.52 (1.06–40.14)	0.04
LVMI	1.02 (1.01–1.04)	0.04
24-h ABPM DBP	0.95 (0.88–1.01)	0.11
HR, bpm	1.23 (1.11–1.36)	<0.001
Microalbuminuria	1.02 (1.01–1.04)	0.002
FMD, %	0.18 (0.08–0.42)	<0.001

Abbreviations: ABPM, ambulatory blood pressure measurement; DBP, diastolic blood pressure; FMD, flow-mediated dilation; HR, heart rate; LVMI, left ventricular mass index;.
[a]Adjusted for age and body mass index.

use of dipyridamole as a stress inducer is comparable with exercise.[39] Stress myocardial perfusion scintigraphy has high sensitivity (81%–96%), specificity (67%–89%), and diagnostic accuracy (83%–92%) for detecting CAD.[40] Evaluation of the accuracy of noninvasive imaging techniques for diagnosis of CAD is relevant for the appropriate management of patients with hypertension, one of the most common cardiac risk factors.[41]

To the best of our knowledge this is the first study to evaluate myocardial ischemia in resistant hypertensive patients, leading to the determination of variables associated with these myocardial perfusion abnormalities. Two previous studies have assessed silent myocardial ischemia by electrocardiogram monitoring, but not with a precise diagnose of RHTN,[42] or the study was done in essential hypertensive subjects.[43]

The main limitation of our study is that the ischemia was not investigated by coronary angiogram, which would have allowed detection of disease of the epicardial coronaries. However, this investigation was not performed for ethical issues because the majority of ischemic patients had no symptoms and small areas of ischemia, making clinical treatment the best option.[44] Another limitation might be the false-negative results provided by myocardial perfusion imaging in cases of balanced myocardial ischemia, in which the diseases on coronary arteries are distributed throughout the coronary circulation, complicating interpretation of differences in perfusion between the myocardial segments in stress and at rest.[45] As to adherence assessment, the methods used (Morisky and pill count) are indirect and may not entirely exclude nonadherent subjects. Regarding our sample, the limitation might be that it is a single-center study with a convenience sample.

Taken together, our data indicate that clinicians should be aware of predictors of silent myocardial ischemia in RHTN. Regardless of BP levels, our findings suggest that microalbuminuria, LV mass, endothelial function, presence of diabetes and increased HR play a relevant role when assessing coronariopathy and myocardial ischemia in patients with truly RHTN. The presence of these factors suggests that special attention on silent myocardial ischemia should be given to patients with RHTN. As a perspective, we feel that because the patients are asymptomatic, but carry a high risk for presenting myocardial ischemia, an individualized investigation should be performed. With the presence of these identifiable associated factors, myocardial perfusion scintigraphy would be of significant importance in screening these RHTN patients for myocardial ischemia.

DISCLOSURE

The authors declared no conflict of interest.

REFERENCES

1. MacMahon S, Peto R, Cutler J, Collins R, Sorlie P, Neaton J, Abbott R, Godwin J, Dyer A, Stamler J. Blood pressure, stroke, and coronary heart disease. Part 1, Prolonged differences in blood pressure: prospective observational studies corrected for the regression dilution bias. *Lancet* 1990; 335:765–774.
2. Wong ND, Lopez VA, L'Italien G, Chen R, Kline SE, Franklin SS. Inadequate control of hypertension in US adults with cardiovascular disease comorbidities in 2003–2004. *Arch Intern Med* 2007; 167:2431–2436.
3. Lloyd-Jones DM, Evans JC, Larson MG, O'Donnell CJ, Roccella EJ, Levy D. Differential control of systolic and diastolic blood pressure: factors associated with lack of blood pressure control in the community. *Hypertension* 2000; 36:594–599.
4. Calhoun DA, Jones D, Textor S, Goff DC, Murphy TP, Toto RD, White A, Cushman WC, White W, Sica D, Ferdinand K, Giles TD, Falkner B, Carey RM. Resistant hypertension: diagnosis, evaluation, and treatment. A scientific statement from the American Heart Association Professional Education Committee of the Council for High Blood Pressure Research. *Hypertension* 2008; 51:1403–1419.
5. Martins LC, Figueiredo VN, Quinaglia T, Boer-Martins L, Yugar-Toledo JC, Martin JFV, Demacq C, Pimenta E, Calhoun DA, Moreno H. Characteristics of resistant hypertension: ageing, body mass index, hyperaldosteronism, cardiac hypertrophy and vascular stiffness. *J Hum Hypertens* 2011; 25:532–538.
6. Figueiredo VN, Yugar-Toledo JC, Martins LC, Martins LB, de Faria AP, de Haro Moraes C, Sierra C, Coca A, Moreno H. Vascular stiffness and endothelial dysfunction: correlations at different levels of blood pressure. *Blood Pressure* 2012; 21:31–38.
7. Pierdomenico SD, Lapenna D, Bucci A, Di Tommaso R, Manente BM, Cuccurullo F, Mezzetti A. Cardiovascular outcome in treated hypertensive patients with true and false responder hypertension. *Am J Hypertens* 2005; 18:42a–42a.
8. Muiesan ML, Salvetti M, Zulli R, Pasini G, Bettoni G, Monteduro C, Rizzoni D, Castellano M, Agabiti-Rosei E. Structural association between the carotid artery and the left ventricle in a general population in Northern Italy: the Vobarno study. *J Hypertens* 1998; 16:1805–1812.
9. Elhendy A, Schinkel AFL, van Domburg RT, Bax JJ, Poldermans D. Prediction of cardiac death in hypertensive patients with suspected or known coronary artery disease by stress technetium-99m tetrofosmin myocardial perfusion. *J Hypertens* 2003; 21:1945–1951.
10. Lacourciere Y, Cote C, Lefebvre J, Poirier L, Dumont M. Identifying which treated hypertensive patients without known coronary artery disease should be tested for the presence of myocardial ischemia by perfusion imaging. *J Clin Hypertens (Greenwich)* 2007; 9:921–928.
11. Chobanian AV, Bakris GL, Black HR, Cushman WC, Green LA, Izzo JL, Jr., Jones DW, Materson BJ, Oparil S, Wright JT, Jr., Roccella EJ. The seventh report of the Joint National Committee on Prevention, Detection, Evaluation, and Treatment of High Blood Pressure: the JNC 7 report. *JAMA* 2003; 289:2560–2572.
12. Matsui D, Hermann C, Klein J, Berkovitch M, Olivieri N, Koren G. Critical comparison of novel and existing methods of compliance

assessment during a clinical trial of an oral iron chelator. *J Clin Pharmacol* 1994; 34:944–949.
13. de Souza WA, Sabha M, de Faveri Favero F, Bergsten-Mendes G, Yugar-Toledo JC, Moreno H. Intensive monitoring of adherence to treatment helps to identify "true" resistant hypertension. *J Clin Hypertens (Greenwich)* 2009; 11:183–191.
14. Morisky DE, Green LW, Levine DM. Concurrent and predictive-validity of a self-reported measure of medication adherence. *Med Care* 1986; 24:67–74.
15. Drager LF, Genta PR, Pedrosa RP, Nerbass FB, Gonzaga CC, Krieger EM, Lorenzi-Filho G. Characteristics and predictors of obstructive sleep apnea in patients with systemic hypertension. *Am J Cardiol* 2010; 105:1135–1139.
16. Cerqueira MD, Weissman NJ, Dilsizian V, Jacobs AK, Kaul S, Laskey WK, Pennell DJ, Rumberger JA, Ryan T, Verani MS, Myoca AHAWG. Standardized myocardial segmentation and nomenclature for tomographic imaging of the heart: a statement for healthcare professionals from the Cardiac Imaging Committee of the Council on Clinical Cardiology of the American Heart Association. *J Nucl Cardiol* 2002; 9:240–245.
17. Chobanian AV, Bakris GL, Black HR, Cushman WC, Green LA, Izzo JL, Jones DW, Materson BJ, Oparil S, Wright JT, Roccella EJ, Prog NHBPE. Seventh report of the Joint National Committee on Prevention, Detection, Evaluation, and Treatment of High Blood Pressure. *Hypertension* 2003; 42:1206–1252.
18. Groppelli A, Omboni S, Parati G, Mancia G. Evaluation of noninvasive blood pressure monitoring devices Spacelabs 90202 and 90207 versus resting and ambulatory 24-hour intra-arterial blood pressure. *Hypertension* 1992; 20:227–232.
19. Corretti MC, Anderson TJ, Benjamin EJ, Celermajer D, Charbonneau F, Creager MA, Deanfield J, Drexler H, Gerhard-Herman M, Herrington D, Vallance P, Vita J, Vogel R. Guidelines for the ultrasound assessment of endothelial-dependent flow-mediated vasodilation of the brachial artery—a report of the International Brachial Artery Reactivity Task Force. *J Am Coll Cardiol* 2002; 39:257–265.
20. Celermajer DS, Sorensen KE, Gooch VM, Spiegelhalter DJ, Miller OI, Sullivan ID, Lloyd JK, Deanfield JE. Noninvasive detection of endothelial dysfunction in children and adults at risk of atherosclerosis. *Lancet* 1992; 340:1111–1115.
21. Lang RM, Bierig M, Devereux RB, Flachskampf FA, Foster E, Pellikka PA, Picard MH, Roman MJ, Seward J, Shanewise JS, Solomon SD, Spencer KT, Sutton MS, Stewart WJ, Grp CQW. Recommendations for chamber quantification: a report from the American Society of Echocardiography's guidelines and standards committee and the chamber quantification writing group, developed in conjunction with the European Association of Echocardiography, a branch of the European Society of Cardiology. *J Am Soc Echocardiog* 2005; 18:1440–1463.
22. Khouri SJ, Maly GT, Suh DD, Walsh TE. A practical approach to the echocardiographic evaluation of diastolic function. *J Am Soc Echocardiog* 2004; 17:290–297.
23. Stamler J, Vaccaro O, Neaton JD, Wentworth D. Diabetes, other risk-factors, and 12-yr cardiovascular mortality for men screened in the Multiple Risk Factor Intervention Trial. *Diabetes Care* 1993; 16:434–444.
24. Hage FG, Lusa L, Dondi M, Giubbini R, Iskandrian AE. Exercise stress tests for detecting myocardial ischemia in asymptomatic patients with diabetes mellitus. *Am J Cardiol* 2013; 112:14–20.
25. Lubaszewski W, Kawecka-Jaszcz K, Czarnecka D, Rajzer M, Stochmal A. Silent myocardial ischaemia in patients with essential arterial hypertension and non-insulin dependent diabetes mellitus. *J Hum Hypertens* 1999; 13:309–313.
26. Celermajer DS, Sorensen KE, Bull C, Robinson J, Deanfield JE. Endothelium-dependent dilation in the systemic arteries of asymptomatic subjects relates to coronary risk factors and their interaction. *J Am Coll Cardiol* 1994; 24:1468–1474.
27. Koyoshi R, Miura S, Kumagai N, Shiga Y, Mitsutake R, Saku K. Clinical significance of flow-mediated dilation, brachial intima-media thickness and pulse wave velocity in patients with and without coronary artery disease. *Circ J* 2012; 76:1469–1475.
28. Cuspidi C, Macca G, Sampieri L, Michev I, Salerno M, Fusi V, Severgnini B, Meani S, Magrini F, Zanchetti A. High prevalence of cardiac and extracardiac target organ damage in refractory hypertension. *J Hypertens* 2001; 19:2063–2070.
29. Vernooij JWP, van der Graaf Y, Nathoe HM, Bemelmans RHH, Visseren FLJ, Spiering W. Hypertensive target organ damage and the risk for vascular events and all-cause mortality in patients with vascular disease. *J Hypertens* 2013; 31:492–500.
30. Salles GF, Cardoso CRL, Pereira VS, Fiszman R, Muxfeldt ES. Prognostic significance of a reduced glomerular filtration rate and interaction with microalbuminuria in resistant hypertension: a cohort study. *J Hypertens* 2011; 29:2014–2023.
31. Deckert T, Feldtrasmussen B, Borchjohnsen K, Jensen T, Kofoedenevoldsen A. Albuminuria reflects widespread vascular damage—the steno hypothesis. *Diabetologia* 1989; 32:219–226.
32. Gillman MW, Kannel WB, Belanger A, Dagostino RB. Influence of heart-rate on mortality among persons with hypertension—the Framingham study. *Am Heart J* 1993; 125:1148–1154.
33. Acelajado MC, Pisoni R, Dudenbostel T, Dell'Italia LJ, Cartmill F, Zhang B, Cofield SS, Oparil S, Calhoun DA. Refractory hypertension: definition, prevalence, and patient characteristics. *J Clin Hypertens (Greenwich)* 2012; 14:7–12.
34. Boer-Martins L, Figueiredo VN, Demacq C, Martins LC, Consolim-Colombo F, Figueiredo MJ, Cannavan FPS, Moreno H. Relationship of autonomic imbalance and circadian disruption with obesity and type 2 diabetes in resistant hypertensive patients. *Cardiovasc Diabetol* 2011; 10.
35. Mansour P, Bostrom PA, Mattiasson I, Lilja B, Berglund G. Low blood-pressure levels and signs of myocardial-ischemia—importance of left-ventricular hypertrophy. *J Hum Hypertens* 1993; 7:13–18.
36. Tsang TSM, Barnes ME, Gersh BJ, Bailey KR, Seward JB. Left atrial volume as a morphophysiologic expression of left ventricular diastolic dysfunction and relation to cardiovascular risk burden. *Am J Cardiol* 2002; 90:1284–1289.
37. Fovino LN, Saladini G, Saladini F, Razzolini R, Evangelista L. Prognostic value of myocardial perfusion scintigraphy in elderly patients with hypertension: a 10 year follow-up analysis. *Eur J Nucl Med Mol I* 2012; 39:S167–S167.
38. Elhendy A, van Domburg RT, Sozzi FB, Poldermans D, Bax JJ, Roelandt JRTC. Impact of hypertension on the accuracy of exercise stress myocardial perfusion imaging for the diagnosis of coronary artery disease. *Heart* 2001; 85:655–661.
39. Demir H, Tan YZ, Isgoren S, Gorur GD, Kozdag G, Ural E, Berk F. Comparison of exercise and pharmacological stress gated SPECT in detecting transient left ventricular dysfunction. *Ann Nucl Med* 2008; 22:403–409.
40. Underwood SR, Anagnostopoulos C, Cerqueira M, Ell PJ, Flint EJ, Harbinson M, Kelion AD, Al-Mohammad A, Prvulovich EM, Shaw LJ, Tweddel AC. Myocardial perfusion scintigraphy: the evidence. *Eur J Nucl Med Mol Imaging* 2004; 31:261–291.
41. Gargiulo P, Petretta M, Bruzzese D, Cuocolo A, Prastaro M, D'Amore C, Vassallo E, Savarese G, Marciano C, Paolillo S, Filardi PP. Myocardial perfusion scintigraphy and echocardiography for detecting coronary artery disease in hypertensivepatients: a meta-analysis. *Eur J Nucl Med Mol Imaging* 2011; 38:2040–2049.
42. Allman KG, Muir A, Howell SJ, Hemming AE, Sear JW, Foex P. Resistant Hypertension and Preoperative Silent-Myocardial-Ischemia in Surgical Patients. *Brit J Anaesth* 1994; 73:574–578.
43. Bianchi S, Bigazzi R, Amoroso A, Campese VM. Silent ischemia is more prevalent among hypertensive patients with microalbuminuria and salt sensitivity. *J Hum Hypertens* 2003; 17:13–20.
44. Boden WE, O'Rourke RA, Teo KK, Hartigan PM, Maron DJ, Kostuk WJ, Knudtson M, Dada M, Casperson P, Harris CL, Chaitman BR, Shaw L, Gosselin G, Nawaz S, Title LM, Gau G, Blaustein AS, Booth DC, Bates ER, Spertus JA, Berman DS, Mancini GBJ, Weintraub WS, Boden W, O'Rourke R, Teo K, Hartigan P, Weintraub W, Maron D, Mancini J, Weintraub W, Boden W, O'Rourke R, Teo K, Hartigan P, Knudtson M, Maron D, Bates E, Blaustein A, Booth D, Carere R, Ellis S, Gosselin G, Gau G, Jacobs A, King S, Kostuk W, Harris C, Spertus J, Peduzzi P, Ryan T, Turnbull B, Feldman T, Bonow R, Haskell W, Diehr P, Lachenbruch P, Waters D, Johnstone D, Cohen L, Cantin B, Hager W, Samaha F, Januzzi J, Arrighi J, Chaitman B, Weintraub W, Hartigan P, O'Rourke R, Boden W, Barnett P, Spertus J, Goeree R, Maron D, Boden W, O'Rourke R, Teo K, Weintraub W, Peduzzi P, Antonelli M, Smith J, Kilstrom R, Hunter B, O'Neil S, Economou T, Nabors J, Kossack A, Sather M, Harris C, Gagne W, Pye C, Marottoli R, Allore H, Beckwith D, Farrell W, Feldman R, Mehta R, Neiderman J, Perry E, Kasl S,

Zeman M, O'Leary T, Huang G, Boden W, Dada M, Potter K, Rivera T, O'Rourke R, Casperson P, O'Shea A, Teo K, Woodcock G, Weintraub W, Barnett P, Goeree R, O'Brien B, Mancini GBJ, Yeoh E, Ladenson J, Thompson V, Chaitman B, Bertran T, Berman D, Gerlach J, Littman R, Shaw L, Calfas K, Sallis J, O'Rourke R, Baker P, Bolton J, Blaustein A, Rowe C, Morris K, Hoffman S, Sedlis S, Keary M, Duvernoy C, Majors C, Shockey M, Zoble R, Fernandez I, Lehmann K, Sorley A, Abel M, Sheldon M, Wagoner K, Murphy E, Avalos K, Rossen J, Schneider K, Molavi B, Garza L, Barton P, Mavromatis K, Forghani Z, Smith R, Mitchell C, Ramanathan K, Touchstone T, Kostuk W, Sridhar K, Carr S, Wiseman D, Nawaz S, Dion C, Gosselin G, Theberge J, Cuso M, Title L, Simon P, Carroll L, Courtney-Cox K, Cohen E, Hsu E, Dzavik V, Lan J, Knudtson M, Lundberg D, Natarajan M, Cappelli G, Kutryk M, DiMarco A, Strauss B, Fung A, Chow J, Marr D, Fitzgerald F, Carere R, Nacario T, Tymchak W, Harris L, Lazzam C, Carter A, Palisaitis D, Mercure C, Bell M, Peterson M, Vicari R, Carroll M, Bates E, Luciano A, Mahrer P, Reyes S, Saucedo J, Vanwieren D, O'Keefe J, Kennedy P, Jacobs A, Berger C, Mayo S, Miller J, Arnold T, Kiernan F, Murphy D, Kugelmass A, Pangilinan R, Schwartz R, Caufield L, Hansen D, Mitchell C, Carhart R, Pennella A, Ellis S, Stevenson C, Krone R, Humphrey J, Appleton C, Wisbey J, Stillabower M, Davidson M, Mathien J, Grp CTR. Optimal medical therapy with or without PCI for stable coronary disease. *New Engl J Med* 2007; 356:1503–1516.

45. Aarnoudse WH, Botman KJ, Pijls NH. False-negative myocardial scintigraphy in balanced three-vessel disease, revealed by coronary pressure measurement. *Int J Cardiovasc Intervent* 2003; 5:67–71.

6 CONCLUSÕES

1- Presença do efeito do jaleco branco, diabetes mellitus, microalbuminúria, maior massa ventricular esquerda, frequência cardíaca aumentada e disfunção endotelial estão fortemente associados à isquemia miocárdica silenciosa em pacientes com hipertensão arterial resistente.
2- Esta associação ocorreu independentemente dos valores pressóricos.
3- A presença destes fatores em pacientes com HAR deve incitar a investigação dos pacientes, mesmo que assintomáticos, para a presença de isquemia miocárdica, a fim de evitar evolução da coronariopatia nestes hipertensos.

7 REFERÊNCIAS

1. Kearney PM, Whelton M, Reynolds K, Muntner P, Whelton PK, and He J, Global burden of hypertension: analysis of worldwide data. Lancet. 2005;365(9455):217-23.
2. Chobanian AV, Bakris GL, Black HR, Cushman WC, Green LA, Izzo JL, Jr., et al., Seventh report of the Joint National Committee on Prevention, Detection, Evaluation, and Treatment of High Blood Pressure. Hypertension. 2003;42(6):1206-52.
3. Lewington S, Clarke R, Qizilbash N, Peto R, and Collins R, Age-specific relevance of usual blood pressure to vascular mortality: a meta-analysis of individual data for one million adults in 61 prospective studies. Lancet. 2002;360(9349):1903-13.
4. MacMahon S, Peto R, Cutler J, Collins R, Sorlie P, Neaton J, et al., Blood pressure, stroke, and coronary heart disease. Part 1, Prolonged differences in blood pressure: prospective observational studies corrected for the regression dilution bias. Lancet. 1990;335(8692):765-74.
5. Egan BM, Zhao Y, and Axon RN, US trends in prevalence, awareness, treatment, and control of hypertension, 1988-2008. JAMA. 2010;303(20):2043-50.
6. Lloyd-Jones DM, Evans JC, Larson MG, O'Donnell CJ, Roccella EJ, and Levy D, Differential control of systolic and diastolic blood pressure : factors associated with lack of blood pressure control in the community. Hypertension. 2000;36(4):594-9.
7. Christensen AJ, Howren MB, Hillis SL, Kaboli P, Carter BL, Cvengros JA, et al., Patient and physician beliefs about control over health: association of symmetrical beliefs with medication regimen adherence. J Gen Intern Med. 2010;25(5):397-402.
8. Hyre AD, Krousel-Wood MA, Muntner P, Kawasaki L, and DeSalvo KB, Prevalence and predictors of poor antihypertensive medication adherence in an urban health clinic setting. J Clin Hypertens (Greenwich). 2007;9(3):179-86.
9. O'Connor PJ, Overcome clinical inertia to control systolic blood pressure. Arch Intern Med. 2003;163(22):2677-8.
10. Okonofua EC, Simpson KN, Jesri A, Rehman SU, Durkalski VL, and Egan BM, Therapeutic inertia is an impediment to achieving the Healthy People 2010 blood pressure control goals. Hypertension. 2006;47(3):345-51.
11. Law MR, Morris JK, and Wald NJ, Use of blood pressure lowering drugs in the prevention of cardiovascular disease: meta-analysis of 147 randomised trials in the context of expectations from prospective epidemiological studies. BMJ. 2009;338:b1665.
12. Alderman MH, Budner N, Cohen H, Lamport B, and Ooi WL, Prevalence of drug resistant hypertension. Hypertension. 1988;11(3 Pt 2):II71-5.
13. Calhoun DA, Jones D, Textor S, Goff DC, Murphy TP, Toto RD, et al., Resistant hypertension: diagnosis, evaluation, and treatment. A scientific statement from the American Heart Association Professional Education Committee of the Council for High Blood Pressure Research. Hypertension. 2008;51(6):1403-19.

14. Martins LC, Figueiredo VN, Quinaglia T, Boer-Martins L, Yugar-Toledo JC, Martin JFV, et al., Characteristics of resistant hypertension: ageing, body mass index, hyperaldosteronism, cardiac hypertrophy and vascular stiffness. Journal of Human Hypertension. 2011;25(9):532-8.
15. Figueiredo VN, Yugar-Toledo JC, Martins LC, Martins LB, de Faria AP, de Haro Moraes C, et al., Vascular stiffness and endothelial dysfunction: Correlations at different levels of blood pressure. Blood Press. 2012;21(1):31-8.
16. Armario P, Oliveras A, Hernández Del Rey R, Ruilope LM, De La Sierra A, and (SEH-LELHA) GdIdRdHrdlSEdHLEplLclHA, Prevalence of target organ damage and metabolic abnormalities in resistant hypertension. Med Clin (Barc). 2011;137(10):435-9.
17. Pierdomenico SD, Lapenna D, Bucci A, Di Tommaso R, Manente BM, Cuccurullo F, et al., Cardiovascular outcome in treated hypertensive patients with true and false responder hypertension. American Journal of Hypertension. 2005;18(5):42a-a.
18. Muiesan ML, Salvetti M, Zulli R, Pasini G, Bettoni G, Monteduro C, et al., Structural association between the carotid artery and the left ventricle in a general population in Northern Italy: the Vobarno study. Journal of Hypertension. 1998;16(12):1805-12.
19. Elhendy A, Schinkel AFL, van Domburg RT, Bax JJ, and Poldermans D, Prediction of cardiac death in hypertensive patients with suspected or known coronary artery disease by stress technetium-99m tetrofosmin myocardial perfusion. Journal of Hypertension. 2003;21(10):1945-51.
20. Lacourciere Y Fau - Cote C, Cote C Fau - Lefebvre J, Lefebvre J Fau - Poirier L, Poirier L Fau - Dumont M, and Dumont M, Identifying which treated hypertensive patients without known coronary artery disease should be tested for the presence of myocardial ischemia by perfusion imaging. Journal of Clinical Hypertension. 2007 Dec;9(12):921-8.
21. Cesarino CB, Cipullo JP, Martin JF, Ciorlia LA, Godoy MR, Cordeiro JA, et al., Prevalence and sociodemographic factors in a hypertensive population in Sao Jose do Rio Preto, Sao Paulo, Brazil. Arq Bras Cardiol. 2008;91(1):29-35.
22. Rosario TM, Scala LC, Franca GV, Pereira MR, and Jardim PC, Prevalence, control and treatment of arterial hypertension in Nobres - MT. Arq Bras Cardiol. 2009;93(6):622-8, 72-8.
23. Jardim PC, Gondim Mdo R, Monego ET, Moreira HG, Vitorino PV, Souza WK, et al., High blood pressure and some risk factors in a Brazilian capital. Arq Bras Cardiol. 2007;88(4):452-7.
24. de Souza WA, Yugar-Toledo JC, Bergsten-Mendes G, Sabha M, and Moreno H, Jr., Effect of pharmaceutical care on blood pressure control and health-related quality of life in patients with resistant hypertension. Am J Health Syst Pharm. 2007;64(18):1955-61.

25. Mancia G, Fagard R, Narkiewicz K, Redon J, Zanchetti A, Bohm M, et al., 2013 ESH/ESC Guidelines for themanagement of arterial hypertension The Task Force for the management ofarterial hypertension of the European Society ofHypertension (ESH) and of the European Society of Cardiology (ESC). Journal of Hypertension. 2013;31(7):1281-357.
26. Moreno H, Jr. and Coca A, Resistant and refractory hypertension: reflections on pathophysiology and terminology. Blood Press. 2012;21(4):209-10.
27. Townsend RR, Refractory or resistant hypertension. J Clin Hypertens (Greenwich). 2002;4(1):61.
28. Moreno H and Calhoun DA, True resistant hypertension: definition and prevalence. J Hypertens. 2012;30(11):2241-2; author reply 2-3.
29. Ram CV and Silverstein RL, "Refractory" resistant hypertension: new terminology for an old problem. J Clin Hypertens (Greenwich). 2012;14(1):5-6.
30. Calhoun DA, Booth JN, Oparil S, Irvin MR, Shimbo D, Lackland DT, et al., Refractory Hypertension Determination of Prevalence, Risk Factors, and Comorbidities in a Large, Population-Based Cohort. Hypertension. 2014;63(3):451-8.
31. Martins LC, Figueiredo VN, Quinaglia T, Boer-Martins L, Yugar-Toledo JC, Martin JF, et al., Characteristics of resistant hypertension: ageing, body mass index, hyperaldosteronism, cardiac hypertrophy and vascular stiffness. Journal of Human Hypertension. 2011;25(9):532-8.
32. Quinaglia T, Martins LC, Figueiredo VN, Santos RC, Yugar-Toledo JC, Martin JF, et al., Non-dipping pattern relates to endothelial dysfunction in patients with uncontrolled resistant hypertension. J Hum Hypertens. 2011;25(11):656-64.
33. Pimenta E, Calhoun DA, and Oparil S, Mechanisms and treatment of resistant hypertension. Arquivos Brasileiros De Cardiologia. 2007;88(6):683-92.
34. de Souza WA, Sabha M, de Faveri Favero F, Bergsten-Mendes G, Yugar-Toledo JC, and Moreno H, Intensive monitoring of adherence to treatment helps to identify "true" resistant hypertension. J Clin Hypertens (Greenwich). 2009;11(4):183-91.
35. Andersson O, Management of hypertension. Clinical and hemodynamic studies with special reference to patients refractory to treatment. Acta Med Scand Suppl. 1977;617:1-62.
36. Swales JD, Bing RF, Heagerty A, Pohl JE, Russell GI, and Thurston H, Treatment of refractory hypertension. Lancet. 1982;1(8277):894-6.
37. Daugherty SL, Powers JD, Magid DJ, Tavel HM, Masoudi FA, Margolis KL, et al., Incidence and prognosis of resistant hypertension in hypertensive patients. Circulation. 2012;125(13):1635-42.
38. Yakovlevitch M and Black HR, Resistant hypertension in a tertiary care clinic. Arch Intern Med. 1991;151(9):1786-92.

39. Garg JP, Elliott WJ, Folker A, Izhar M, and Black HR, Resistant hypertension revisited: a comparison of two university-based cohorts. Am J Hypertens. 2005;18(5 Pt 1):619-26.
40. Hollenberg NK, The Antihypertensive and Lipid-Lowering Treatment to Prevent Heart Attack Trial (ALLHAT). Major outcomes in high-risk hypertensive patients randomized to angiotensin-converting enzyme inhibitor or calcium channel blocker vs diuretic. Curr Hypertens Rep. 2003;5(3):183-5.
41. Calhoun DA, Jones D, Textor S, Goff DC, Murphy TP, Toto RD, et al., Resistant hypertension: diagnosis, evaluation, and treatment: a scientific statement from the American Heart Association Professional Education Committee of the Council for High Blood Pressure Research. Circulation. 2008;117(25):e510-26.
42. Persell SD, Prevalence of resistant hypertension in the United States, 2003-2008. Hypertension. 2011;57(6):1076-80.
43. Acelajado MC, Pisoni R, Dudenbostel T, Dell'Italia LJ, Cartmill F, Zhang B, et al., Refractory hypertension: definition, prevalence, and patient characteristics. J Clin Hypertens (Greenwich). 2012;14(1):7-12.
44. de Souza WS, Alessi A, Cordeiro A, da Rocha Nogueira A, Feitosa A, Amodeo C, et al., First Brazilian position on resistant hypertension. Arq Bras Cardiol. 2012;99(1):576-85.
45. Egan BM, Zhao Y, Axon RN, Brzezinski WA, and Ferdinand KC, Uncontrolled and apparent treatment resistant hypertension in the United States, 1988 to 2008. Circulation. 2011;124(9):1046-58.
46. de la Sierra A, Segura J, Banegas JR, Gorostidi M, de la Cruz JJ, Armario P, et al., Clinical features of 8295 patients with resistant hypertension classified on the basis of ambulatory blood pressure monitoring. Hypertension. 2011;57(5):898-902.
47. Hall JE, The kidney, hypertension, and obesity. Hypertension. 2003;41(3 Pt 2):625-33.
48. Ubaid-Girioli S, Adriana de Souza L, Yugar-Toledo JC, Martins LC, Ferreira-Melo S, Coelho OR, et al., Aldosterone excess or escape: Treating resistant hypertension. J Clin Hypertens (Greenwich). 2009;11(5):245-52.
49. de la Sierra A, Banegas JR, Oliveras A, Gorostidi M, Segura J, de la Cruz JJ, et al., Clinical differences between resistant hypertensives and patients treated and controlled with three or less drugs. J Hypertens. 2012;30(6):1211-6.
50. DiBona GF, Nervous kidney. Interaction between renal sympathetic nerves and the renin-angiotensin system in the control of renal function. Hypertension. 2000;36(6):1083-8.
51. Ferrario CM, Gildenberg PL, and McCubbin JW, Cardiovascular effects of angiotensin mediated by the central nervous system. Circ Res. 1972;30(3):257-62.
52. Zimmerman BG, Sybertz EJ, and Wong PC, Interaction between sympathetic and renin-angiotensin system. J Hypertens. 1984;2(6):581-7.

53. Sowers JR, Whaley-Connell A, and Epstein M, Narrative review: the emerging clinical implications of the role of aldosterone in the metabolic syndrome and resistant hypertension. Ann Intern Med. 2009;150(11):776-83.
54. Tsioufis C, Tsiachris D, Dimitriadis K, Stougiannos P, Missovoulos P, Kakkavas A, et al., Myocardial and aortic stiffening in the early course of primary aldosteronism. Clin Cardiol. 2008;31(9):431-6.
55. Gaddam KK, Nishizaka MK, Pratt-Ubunama MN, Pimenta E, Aban I, Oparil S, et al., Characterization of resistant hypertension: association between resistant hypertension, aldosterone, and persistent intravascular volume expansion. Arch Intern Med. 2008;168(11):1159-64.
56. Thomopoulos C, Tsioufis C, Dimitriadis K, Tsiachris D, Tousoulis D, Manolis A, et al., Obstructive sleep apnoea syndrome is associated with enhanced sub-clinical inflammation and asymmetric dimethyl-arginine levels in hypertensives. J Hum Hypertens. 2009;23(1):65-7.
57. Yugar-Toledo JC, Tanus-Santos JE, Sabha M, Sousa MG, Cittadino M, Tacito LH, et al., Uncontrolled hypertension, uncompensated type II diabetes, and smoking have different patterns of vascular dysfunction. Chest. 2004;125(3):823-30.
58. Taler SJ, Textor SC, and Augustine JE, Resistant hypertension: comparing hemodynamic management to specialist care. Hypertension. 2002;39(5):982-8.
59. Narkiewicz K, van de Borne PJ, Montano N, Dyken ME, Phillips BG, and Somers VK, Contribution of tonic chemoreflex activation to sympathetic activity and blood pressure in patients with obstructive sleep apnea. Circulation. 1998;97(10):943-5.
60. Esler M, Straznicky N, Eikelis N, Masuo K, Lambert G, and Lambert E, Mechanisms of sympathetic activation in obesity-related hypertension. Hypertension. 2006;48(5):787-96.
61. Rahmouni K and Morgan DA, Hypothalamic arcuate nucleus mediates the sympathetic and arterial pressure responses to leptin. Hypertension. 2007;49(3):647-52.
62. Laragh J, Laragh's lessons in pathophysiology and clinical pearls for treating hypertension. Am J Hypertens. 2001;14(9 Pt 1):837-54.
63. Pimenta E, Gaddam KK, Oparil S, Aban I, Husain S, Dell'Italia LJ, et al., Effects of dietary sodium reduction on blood pressure in subjects with resistant hypertension: results from a randomized trial. Hypertension. 2009;54(3):475-81.
64. Tsioufis C, Kordalis A, Flessas D, Anastasopoulos I, Tsiachris D, Papademetriou V, et al., Pathophysiology of resistant hypertension: the role of sympathetic nervous system. Int J Hypertens. 2011;2011:642416.
65. Bobrie G, Frank M, Azizi M, Peyrard S, Boutouyrie P, Chatellier G, et al., Sequential nephron blockade versus sequential renin-angiotensin system blockade in resistant hypertension: a prospective, randomized, open blinded endpoint study. J Hypertens. 2012;30(8):1656-64.

66. Folkow B and Ely D, Importance of the blood pressure-heart rate relationship. Blood Press. 1998;7(3):133-8.
67. Clement DL and Duprez D, Circulatory changes in muscle and skin arteries in primary hypertension. Hypertension. 1984;6(6 Pt 2):III122-7.
68. Lund-Johansen P, Twenty-year follow-up of hemodynamics in essential hypertension during rest and exercise. Hypertension. 1991;18(5 Suppl):III54-61.
69. Krum H, Schlaich M, Whitbourn R, Sobotka PA, Sadowski J, Bartus K, et al., Catheter-based renal sympathetic denervation for resistant hypertension: a multicentre safety and proof-of-principle cohort study. Lancet. 2009;373(9671):1275-81.
70. Esler MD, Krum H, Sobotka PA, Schlaich MP, Schmieder RE, and Bohm M, Renal sympathetic denervation in patients with treatment-resistant hypertension (The Symplicity HTN-2 Trial): a randomised controlled trial. Lancet. 2010;376(9756):1903-9.
71. de La Sierra A, Larrousse M, Oliveras A, Armario P, Hernandez-Del Rey R, Poch E, et al., Abnormalities of vascular function in resistant hypertension. Blood Press. 2012;21(2):104-9.
72. Sierra C, Lopez-Soto A, and Coca A, Connecting cerebral white matter lesions and hypertensive target organ damage. J Aging Res. 2011;2011:438978.
73. Salles G, Leocadio S, Bloch K, Nogueira AR, and Muxfeldt E, Combined QT interval and voltage criteria improve left ventricular hypertrophy detection in resistant hypertension. Hypertension. 2005;46(5):1207-12.
74. Salles G, Cardoso C, Nogueira AR, Bloch K, and Muxfeldt E, Importance of the electrocardiographic strain pattern in patients with resistant hypertension. Hypertension. 2006;48(3):437-42.
75. Levy D, Garrison RJ, Savage DD, Kannel WB, and Castelli WP, Prognostic implications of echocardiographically determined left ventricular mass in the Framingham Heart Study. N Engl J Med. 1990;322(22):1561-6.
76. Salles GF, Cardoso CR, Fiszman R, and Muxfeldt ES, Prognostic impact of baseline and serial changes in electrocardiographic left ventricular hypertrophy in resistant hypertension. Am Heart J. 2010;159(5):833-40.
77. Salles GF, Fiszman R, Cardoso CR, and Muxfeldt ES, Relation of left ventricular hypertrophy with systemic inflammation and endothelial damage in resistant hypertension. Hypertension. 2007;50(4):723-8.
78. Redfield MM, Jacobsen SJ, Burnett JC, Jr., Mahoney DW, Bailey KR, and Rodeheffer RJ, Burden of systolic and diastolic ventricular dysfunction in the community: appreciating the scope of the heart failure epidemic. JAMA. 2003;289(2):194-202.
79. Braunwald E, Libby P, Bonow R, and Zipes D, Braunwald's Heart Disease: A Textbook of Cardiovascular Medicine, 7th edition. 2006.

80. Ganz P, Vasomotor and vascular effects of hormone replacement therapy. Am J Cardiol. 2002;90(1A):11F-6F.
81. Luz PL and Laurindo FRM, Endotélio e doenças cardiovasculares. 2003:17-9.
82. Mombouli JV and Vanhoutte PM, Endothelial dysfunction: from physiology to therapy. J Mol Cell Cardiol. 1999;31(1):61-74.
83. Virdis A, Ghiadoni L, Versari D, Giannarelli C, Salvetti A, and Taddei S, Endothelial function assessment in complicated hypertension. Curr Pharm Des. 2008;14(18):1761-70.
84. Anderson TJ, Gerhard MD, Meredith IT, Charbonneau F, Delagrange D, Creager MA, et al., Systemic nature of endothelial dysfunction in atherosclerosis. Am J Cardiol. 1995;75(6):71B-4B.
85. Flammer AJ and Luscher TF, Human endothelial dysfunction: EDRFs. Pflugers Arch. 2010;459(6):1005-13.
86. Virdis A, Ghiadoni L, and Taddei S, Human endothelial dysfunction: EDCFs. Pflugers Arch. 2010;459(6):1015-23.
87. Lerman A and Zeiher AM, Endothelial function: cardiac events. Circulation. 2005;111(3):363-8.
88. Taddei S, Virdis A, Ghiadoni L, Salvetti G, and Salvetti A, Endothelial dysfunction in hypertension. J Nephrol. 2000;13(3):205-10.
89. Quinaglia T, Martins LC, Figueiredo VN, Santos RC, Yugar-Toledo JC, Martin JF, et al., Non-dipping pattern relates to endothelial dysfunction in patients with uncontrolled resistant hypertension. Journal of Human Hypertension. 25(11):656-64.
90. White WB, Ambulatory blood pressure monitoring as an investigative tool for characterizing resistant hypertension and its rational treatment. J Clin Hypertens (Greenwich). 2007;9(1 Suppl 1):25-30.
91. Nieto FJ, Young TB, Lind BK, Shahar E, Samet JM, Redline S, et al., Association of sleep-disordered breathing, sleep apnea, and hypertension in a large community-based study. Sleep Heart Health Study. JAMA. 2000;283(14):1829-36.
92. Peppard PE, Young T, Palta M, and Skatrud J, Prospective study of the association between sleep-disordered breathing and hypertension. N Engl J Med. 2000;342(19):1378-84.
93. Pedrosa RP, Drager LF, Gonzaga CC, Sousa MG, de Paula LK, Amaro AC, et al., Obstructive sleep apnea: the most common secondary cause of hypertension associated with resistant hypertension. Hypertension. 2011;58(5):811-7.
94. Pimenta E, Gaddam KK, and Oparil S, Mechanisms and treatment of resistant hypertension. J Clin Hypertens (Greenwich). 2008;10(3):239-44.
95. Conn JW, Presidential address. I. Painting background. II. Primary aldosteronism, a new clinical syndrome. J Lab Clin Med. 1955;45(1):3-17.

96. Rossi GP, Bernini G, Caliumi C, Desideri G, Fabris B, Ferri C, et al., A prospective study of the prevalence of primary aldosteronism in 1,125 hypertensive patients. J Am Coll Cardiol. 2006;48(11):2293-300.
97. Gordon RD, Stowasser M, Tunny TJ, Klemm SA, and Rutherford JC, High incidence of primary aldosteronism in 199 patients referred with hypertension. Clin Exp Pharmacol Physiol. 1994;21(4):315-8.
98. Mosso L, Carvajal C, Gonzalez A, Barraza A, Avila F, Montero J, et al., Primary aldosteronism and hypertensive disease. Hypertension. 2003;42(2):161-5.
99. Calhoun DA, Nishizaka MK, Zaman MA, Thakkar RB, and Weissmann P, Hyperaldosteronism among black and white subjects with resistant hypertension. Hypertension. 2002;40(6):892-6.
100. Gallay BJ, Ahmad S, Xu L, Toivola B, and Davidson RC, Screening for primary aldosteronism without discontinuing hypertensive medications: plasma aldosterone-renin ratio. Am J Kidney Dis. 2001;37(4):699-705.
101. Eide IK, Torjesen PA, Drolsum A, Babovic A, and Lilledahl NP, Low-renin status in therapy-resistant hypertension: a clue to efficient treatment. J Hypertens. 2004;22(11):2217-26.
102. Strauch B, Zelinka T, Hampf M, Bernhardt R, and Widimsky J, Jr., Prevalence of primary hyperaldosteronism in moderate to severe hypertension in the Central Europe region. J Hum Hypertens. 2003;17(5):349-52.
103. Rocha R, Rudolph AE, Frierdich GE, Nachowiak DA, Kekec BK, Blomme EA, et al., Aldosterone induces a vascular inflammatory phenotype in the rat heart. Am J Physiol Heart Circ Physiol. 2002;283(5):H1802-10.
104. Brilla CG and Weber KT, Mineralocorticoid excess, dietary sodium, and myocardial fibrosis. J Lab Clin Med. 1992;120(6):893-901.
105. Rossi GP, Sacchetto A, Visentin P, Canali C, Graniero GR, Palatini P, et al., Changes in left ventricular anatomy and function in hypertension and primary aldosteronism. Hypertension. 1996;27(5):1039-45.
106. Fox CS, Larson MG, Hwang SJ, Leip EP, Rifai N, Levy D, et al., Cross-sectional relations of serum aldosterone and urine sodium excretion to urinary albumin excretion in a community-based sample. Kidney Int. 2006;69(11):2064-9.
107. Nishizaka MK, Zaman MA, Green SA, Renfroe KY, and Calhoun DA, Impaired endothelium-dependent flow-mediated vasodilation in hypertensive subjects with hyperaldosteronism. Circulation. 2004;109(23):2857-61.
108. Holaj R, Zelinka T, Wichterle D, Petrak O, Strauch B, and Widimsky J, Jr., Increased intima-media thickness of the common carotid artery in primary aldosteronism in comparison with essential hypertension. J Hypertens. 2007;25(7):1451-7.
109. Rossi GP, Belfiore A, Bernini G, Desideri G, Fabris B, Ferri C, et al., Comparison of the captopril and the saline infusion test for excluding aldosterone-producing adenoma. Hypertension. 2007;50(2):424-31.

110. Vandyne JR, Iproniazid in the Treatment of Resistant Hypertension - a Preliminary-Report on 20 Intractable Cases. Journal of the American Geriatrics Society. 1960;8(6):454-62.
111. Lee RE, Seligmann AW, Clark MA, Borhani NO, Queenan JT, and Obrien ME, Therapeutically Refractory Hypertension - Causative Factors, and Medical Management with Chlorothiazide and Other Agents. Annals of Internal Medicine. 1958;49(5):1129-37.
112. Heller R and Merriam-Webster Inc., *Merriam-Webster's first dictionary*2012, Springfield, Mass.: Merriam-Webster. 12a, 436 p.
113. Martell N, Rodriguez-Cerrillo M, Grobbee DE, Lopez-Eady MD, Fernandez-Pinilla C, Avila M, et al., High prevalence of secondary hypertension and insulin resistance in patients with refractory hypertension. Blood Pressure. 2003;12(3):149-54.
114. Ram CVS, Review of resistant hypertension. Current Hypertension Reports. 2006;8(5):398-402.
115. Silverstein RL and Ram CVS, Resistant hypertension. Primary Care. 2008;35(3):501-+.
116. Sander GE and Giles TD, Resistant Hypertension: Concepts and Approach to Management. Current Hypertension Reports. 2011;13(5):347-55.
117. Acelajado MC, Pisoni R, Dudenbostel T, Dell'Italia LJ, Cartmill F, Zhang B, et al., Refractory Hypertension: Definition, Prevalence, and Patient Characteristics. Journal of Clinical Hypertension. 2012;14(1):7-12.
118. Moreno H and Coca A, Resistant and refractory hypertension: Reflections on pathophysiology and terminology. Blood Pressure. 2012;21(4):209-10.
119. Calhoun DA, Booth JN, 3rd, Oparil S, Irvin MR, Shimbo D, Lackland DT, et al., Refractory Hypertension: Determination of Prevalence, Risk Factors, and Comorbidities in a Large, Population-Based Cohort. Hypertension. 2013.
120. de Faria APC, Demacq C, Figueiredo VN, Moraes CH, Santos RC, Sabbatini AR, et al., Hypoadiponectinemia and aldosterone excess are associated with lack of blood pressure control in subjects with resistant hypertension. Hypertension Research. 2013;36(12):1067-72.
121. VI Diretrizes Brasileiras de Hipertensão. Arq Bras Cardiol. 2010;95(1 Suppl):1-51.
122. Sarafidis PA, Georgianos P, and Bakris GL, Resistant hypertension-its identification and epidemiology. Nat Rev Nephrol. 2012;9(1):51-8.
123. Cuspidi C, Macca G, Sampieri L, Michev I, Salerno M, Fusi V, et al., High prevalence of cardiac and extracardiac target organ damage in refractory hypertension. J Hypertens. 2001;19(11):2063-70.
124. Aguilera MT, de la Sierra A, Coca A, Estruch R, Fernandez-Sola J, and Urbano-Marquez A, Effect of alcohol abstinence on blood pressure: assessment by 24-hour ambulatory blood pressure monitoring. Hypertension. 1999;33(2):653-7.
125. Sander GE and Giles TD, Resistant hypertension: concepts and approach to management. Curr Hypertens Rep. 2011;13(5):347-55.

126. Cornelissen VA, Fagard RH, Coeckelberghs E, and Vanhees L, Impact of resistance training on blood pressure and other cardiovascular risk factors: a meta-analysis of randomized, controlled trials. Hypertension. 2011;58(5):950-8.
127. [VI Brazilian Guidelines on Hypertension]. Arquivos Brasileiros De Cardiologia. 2010;95(1 Suppl):1-51.
128. James PA, Oparil S, Carter BL, Cushman WC, Dennison-Himmelfarb C, Handler J, et al., 2014 Evidence-Based Guideline for the Management of High Blood Pressure in Adults Report From the Panel Members Appointed to the Eighth Joint National Committee (JNC 8). Jama-Journal of the American Medical Association. 2014;311(5):507-20.
129. Salles GF, Cardoso CR, and Muxfeldt ES, Prognostic influence of office and ambulatory blood pressures in resistant hypertension. Arch Intern Med. 2008;168(21):2340-6.
130. Mancia G, Laurent S, Agabiti-Rosei E, Ambrosioni E, Burnier M, Caulfield MJ, et al., Reappraisal of European guidelines on hypertension management: a European Society of Hypertension Task Force document. Blood Press. 2009;18(6):308-47.
131. Chapman N, Dobson J, Wilson S, Dahlof B, Sever PS, Wedel H, et al., Effect of spironolactone on blood pressure in subjects with resistant hypertension. Hypertension. 2007;49(4):839-45.
132. Nishizaka MK, Zaman MA, and Calhoun DA, Efficacy of low-dose spironolactone in subjects with resistant hypertension. Am J Hypertens. 2003;16(11 Pt 1):925-30.
133. Zannad F, Aldosterone antagonist therapy in resistant hypertension. J Hypertens. 2007;25(4):747-50.
134. Oliver JJ, Hughes VE, Dear JW, and Webb DJ, Clinical potential of combined organic nitrate and phosphodiesterase type 5 inhibitor in treatment-resistant hypertension. Hypertension. 2010;56(1):62-7.
135. Oliver JJ, Melville VP, and Webb DJ, Effect of regular phosphodiesterase type 5 inhibition in hypertension. Hypertension. 2006;48(4):622-7.
136. Consolim-Colombo FM, De Angelis K, and Irigoyen MC, Terapia de Estimulação dos Barorreceptores. Revista Brasileira de Hipertensão. 2011;18(4):149-52.
137. Schwartz SI, Griffith LS, Neistadt A, and Hagfors N, Chronic carotid sinus nerve stimulation in the treatment of essential hypertension. Am J Surg. 1967;114(1):5-15.
138. Bisognano JD, Bakris G, Nadim MK, Sanchez L, Kroon AA, Schafer J, et al., Baroreflex activation therapy lowers blood pressure in patients with resistant hypertension: results from the double-blind, randomized, placebo-controlled rheos pivotal trial. J Am Coll Cardiol. 2011;58(7):765-73.
139. Wustmann K, Kucera JP, Scheffers I, Mohaupt M, Kroon AA, de Leeuw PW, et al., Effects of chronic baroreceptor stimulation on the autonomic cardiovascular regulation in patients with drug-resistant arterial hypertension. Hypertension. 2009;54(3):530-6.

140. Brito TM and Bortolotto LA, Denervação Renal no Tratamento de Hipertensão Arterial Resistente. Revista Brasileira de Hipertensão. 2011;18(4):145-8.
141. Morrissey DM, Brookes VS, and Cooke WT, Sympathectomy in the treatment of hypertension; review of 122 cases. Lancet. 1953;1(6757):403-8.
142. Dibona GF, Sympathetic Nervous System and Hypertension. Hypertension. 2013.
143. Bhatt DL, Kandzari DE, O'Neill WW, D'Agostino R, Flack JM, Katzen BT, et al., A controlled trial of renal denervation for resistant hypertension. N Engl J Med. 2014;370(15):1393-401.
144. Papadopoulos DP and Papademetriou V, Resistant hypertension: diagnosis and management. J Cardiovasc Pharmacol Ther. 2006;11(2):113-8.
145. Pickering TG, James GD, Boddie C, Harshfield GA, Blank S, and Laragh JH, How common is white coat hypertension? JAMA. 1988;259(2):225-8.
146. Brown MA, Buddle ML, and Martin A, Is resistant hypertension really resistant? American Journal of Hypertension. 2001;14(12):1263-9.
147. Figueiredo VN, Martins LC, Boer-Martins L, de Faria APC, Moraes CD, Santos RC, et al., The white coat effect is not associated with additional increase of target organ damage in true resistant hypertension. Medicina Clinica. 2013;140(1):1-5.
148. Gualdiero P, Niebauer J, Addison C, Clark SJ, and Coats AJS, Clinical features, anthropometric characteristics, and racial influences on the 'white-coat effect' in a single-centre cohort of 1553 consecutive subjects undergoing routine ambulatory blood pressure monitoring. Blood Pressure Monitoring. 2000;5(2):53-7.
149. Lantelme P, Milon H, Gharib C, Gayet C, and Fortrat JO, White coat effect and reactivity to stress - Cardiovascular and autonomic nervous system responses. Hypertension. 1998;31(4):1021-9.
150. Pickering TG, Gerin W, and Schwartz AR, What is the white-coat effect and how should it be measured? Blood Pressure Monitoring. 2002;7(6):293-300.
151. Fagard RH and Cornelissen VA, Incidence of cardiovascular events in white-coat, masked and sustained hypertension versus true normotension: a meta-analysis. Journal of Hypertension. 2007;25(11):2193-8.
152. Park J and Campese V, Clinical characteristics of resistant hypertension: the importance of compliance and the role of diagnostic evaluation in delineating pathogenesis. J Clin Hypertens (Greenwich). 2007;9(1 Suppl 1):7-12.
153. Muxfeldt ES, Bloch KV, Nogueira Ada R, and Salles GF, True resistant hypertension: is it possible to be recognized in the office? Am J Hypertens. 2005;18(12 Pt 1):1534-40.
154. Yusuf S, Reddy S, Ounpuu S, and Anand S, Global burden of cardiovascular diseases: Part II: variations in cardiovascular disease by specific ethnic groups and geographic regions and prevention strategies. Circulation. 2001;104(23):2855-64.
155. Yusuf S, Reddy S, Ounpuu S, and Anand S, Global burden of cardiovascular diseases: part I: general considerations, the epidemiologic transition, risk factors, and impact of urbanization. Circulation. 2001;104(22):2746-53.

156. Cohn PF, Asymptomatic coronary artery disease. Pathophysiology, diagnosis, management. Mod Concepts Cardiovasc Dis. 1981;50(10):55-60.
157. Cohn PF, Prognosis in exercise-induced silent myocardial ischemia and implications for screening asymptomatic populations. Prog Cardiovasc Dis. 1992;34(6):399-412.
158. Parmley WW, Prevalence and clinical significance of silent myocardial ischemia. Circulation. 1989;80(6 Suppl):IV68-73.
159. Rocco MB, Nabel EG, Campbell S, Goldman L, Barry J, Mead K, et al., Prognostic importance of myocardial ischemia detected by ambulatory monitoring in patients with stable coronary artery disease. Circulation. 1988;78(4):877-84.
160. Tzivoni D, Weisz G, Gavish A, Zin D, Keren A, and Stern S, Comparison of mortality and myocardial infarction rates in stable angina pectoris with and without ischemic episodes during daily activities. Am J Cardiol. 1989;63(5):273-6.
161. Deedwania PC and Carbajal EV, Silent ischemia during daily life is an independent predictor of mortality in stable angina. Circulation. 1990;81(3):748-56.
162. Deedwania PC and Carbajal EV, Prevalence and patterns of silent myocardial ischemia during daily life in stable angina patients receiving conventional antianginal drug therapy. Am J Cardiol. 1990;65(16):1090-6.
163. McLenachan JM, Weidinger FF, Barry J, Yeung A, Nabel EG, Rocco MB, et al., Relations between heart rate, ischemia, and drug therapy during daily life in patients with coronary artery disease. Circulation. 1991;83(4):1263-70.
164. Pepine CJ, Cohn PF, Deedwania PC, Gibson RS, Gottlieb SO, Handberg E, et al., The prognostic and economic implications of a strategy to detect and treat asymptomatic ischemia: the Atenolol Silent Ischemia Trial (ASIST) protocol. Clin Cardiol. 1991;14(6):457-62.
165. Loong CY and Anagnostopoulos C, Diagnosis of coronary artery disease by radionuclide myocardial perfusion imaging. Heart. 2004;90 Suppl 5:v2-9.
166. Siqueira ME, Segundo Neto EM, Kelendjian JF, and Smanio PE, Diagnostic value of myocardial radionuclide imaging in patients with multivessel coronary disease. Arquivos Brasileiros De Cardiologia. 2011;97(3):194-8.